UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

BACHARELADO EM GESTÃO PÚBLICA

Marcella Beatriz Isolani Murta de Sousa

JAIR BOLSONARO E O POPULISMO: uma análise dos discursos proferidos na 55.ª Legislatura da Câmara dos Deputados

Belo Horizonte

2023

MARCELLA BEATRIZ ISOLANI MURTA DE SOUSA

JAIR BOLSONARO E O POPULISMO: uma análise dos discursos proferidos na 55.ª Legislatura da Câmara dos Deputados

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão Pública.

Orientadora: Helcimara de Souza Telles

Belo Horizonte

MARCELLA BEATRIZ ISOLANI MURTA DE SOUSA

JAIR BOLSONARO E O POPULISMO: uma análise dos discursos proferidos na 55.ª Legislatura da Câmara dos Deputados

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão Pública.

Orientadora: Helcimara de Souza Telles

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Dra. Helcimara de Souza Telles – UFMG/DCP

_____

Profª Dra. Isabele Batista Mitozo – UFMG/DCP

_____

Felipe Riccio Schiefler (examinador externo)

Belo Horizonte, 10 de julho de 2023

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Luciana Murta, pelo incentivo constante na trajetória acadêmica, e por todos os ensinamentos, paciência e amor durante todos os dias da minha vida. Você sabe que nada disso seria possível sem o seu apoio incondicional.

À minha avó, Goretti Murta, que assim como a sua filha, sempre me encorajou no percurso da educação, além de todo o carinho, suporte e amor oferecidos a mim. Agradeço também ao meu pai, Helder Sousa, por todos os momentos de amor e aprendizados da vida. Embora já não estejam mais presentes fisicamente, ambos continuam vivos em meu pensamento e coração.

Ao Frederico Murta, Gustavo Murta e Maria Claudia Murta, pelo companheirismo, sintonia, amor e também por serem base de apoio, principalmente nos últimos 5 anos. Vocês são os melhores irmãos que eu poderia ter. Agradeço também ao Junior, meu padrasto, pelo suporte e cuidado à nossa família nos últimos anos.

Aos meus amigos, especialmente Ana Luiza Borges, Ana Luísa Figueiredo e Igor Roque, pela amizade, compreensão e amor. Agradeço também aos amigos virtuais que conheci, principalmente Suzan e Tomás, por serem uma fonte de distração em meio à escrita deste trabalho. Agradeço pelo carinho, companhia, diversão e trocas que ultrapassam o *online*.

Aos amigos da graduação, Laura Sousa e o "Bonde do Bandeco Bolado", pela parceria e companhia em momentos de estudos. Vocês tornaram as noites durante os 5 anos de graduação muito mais leves.

À minha orientadora Mara Telles, pelo ensino e *insights* nas reuniões durante a escrita desse trabalho, que foram fundamentais para o aprendizado acadêmico. Agradeço também ao Felipe Riccio, pelo auxílio com bibliografias e ideias.

Por fim, o meu agradecimento à renomada Universidade Federal de Minas Gerais pelo ensino primoroso, e aos professores que tive o privilégio de encontrar durante o percurso acadêmico.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) analisa os discursos proferidos por Jair Messias Bolsonaro durante o seu sétimo mandato como deputado federal na Câmara dos Deputados, entre os anos 2015 a 2018, e a relação com o populismo. Em escala mundial, populistas têm se destacado nos últimos anos por ocuparem posições de poder de decisão na política, e por este motivo o século XXI foi considerado pelo historiador francês Pierre Rosanvallonh como "o século do populismo". A abordagem qualitativa guiou este trabalho a partir de revisões bibliográficas, análises dos discursos, alinhados à utilização do *software IRaMuTeq* para construir representações de palavras sobre o conteúdo das falas. O *software* construiu nuvens de palavras e análises de similitudes. Entre todos os discursos na Câmara dos Deputados no período observado, as palavras com mais ocorrências foram "querer", "Brasil", "dizer", "ano", "PT" e "Dilma Rousseff". Observou-se, na conclusão, que os discursos possuem os vieses populista e nacionalista, sobretudo o autoritário.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro; populismo; discursos parlamentares; extrema-direita; nuvem de palavras; análise de similitude; autoritarismo.

ABSTRACT

This Final Paper analyzes the speeches given by Jair Messias Bolsonaro during his seventh mandate as a federal deputy in the Chamber of Deputies, between the years 2015 to 2018, and the relationship with populism. On a world scale, populists have stood out in recent years for occupying positions of decision-making power in politics, and for this reason the 21st century was considered by the French historian Pierre Rosanvallonh as "the century of populism". The qualitative approach guided this work from bibliographic reviews, analysis of speeches, aligned with the use of the IRaMuTeq software to build representations of words on the content of speeches. The software built word clouds and similarity analysis. Among all the speeches in the Chamber of Deputies in the period observed, the words with the most occurrences were "want", "Brazil", "say", "year", "PT" and "Dilma Rousseff". It was observed, in conclusion, that the speeches have populist and nationalist biases, especially the authoritarian one.

Keywords: Jair Bolsonaro; populism; parliamentary speeches; extreme right; wordcloud; similarity analysis; authoritarianism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nuvem de palavras dos discursos de 2015 36
Figura 2 – Análise de similitude dos discursos de 2015 39
Figura 3 – Nuvem de palavras dos discursos de 2016 40
Figura 4 – Análise de similitude dos discursos de 2016 43
Figura 5 – Nuvem de palavras dos discursos de 2017 44
Figura 6 – Análise de similitude dos discursos de 2017 46
Figura 7 – Nuvem de palavras dos discursos de 2018 47
Figura 8 – Análise de similitude dos discursos de 2018 49
Figura 9 – Nuvem de palavras dos discursos de 2015 a 2018 50
Figura 10 – Análise de similitude dos discursos de 2015 a 2018 52

LISTA DE QUADROS

Tabela 1 – Votos recebidos por Bolsonaro em eleições para vereador e deputado federal 27
Tabela 2 – votos recebidos por Bolsonaro em eleições para Presidente da República 28
Tabela 3 – Discursos de Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados no mandato 2015-2019...36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Governos populistas na América Latina 18
Quadro 2 – Os quatro principais indicadores de comportamento autoritário 21

LISTA DE SIGLAS

BYU - Universidade de Brigham Young

NP - Nuvem de Palavras

NR - Palavras não reconhecidas

PDC - Partido Democrata Cristão

PEC - Proposta de Emenda à Constituição

PP - Partido Progressista

PPB - Partido Progressista Brasileiro

PPR - Partido Progressista Reformador

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PT - Partido dos Trabalhadores

RICD - Regimento Interno da Câmara dos Deputados

STF - Supremo Tribunal Federal

TSE - Tribunal Superior Eleitoral

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11

2. POPULISMO E SEUS CONCEITOS 13

2.1. Populismo na América Latina e no Brasil 16

2.2. Autoritarismo 20

3. JAIR BOLSONARO COMO EXPRESSÃO DA EXTREMA DIREITA 24

3.1. A emergência da extrema direita: o fortalecimento de Bolsonaro 24

3.2. O desempenho de Bolsonaro como candidato 27

4. BOLSONARO: UM POPULISTA? ANÁLISE DOS DISCURSOS DE BOLSONARO NA 55ª LEGISLATURA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS 29

4.1. Estudos sobre discursos presidenciais de Bolsonaro 29

4.2. A Câmara dos Deputados 31

4.3. O *software* IRaMuTeQ, a nuvem de palavras e a análise de similitude 33

4.4. Resultados e análises 34

4.4.1. 2015 36

4.4.2. 2016 39

4.4.3. 2017 43

4.4.4. 2018 46

4.4.5. 2015-2018 50

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 55

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 56

1. INTRODUÇÃO

Políticos populistas têm se destacado mundialmente nos últimos anos por ocuparem posições de poder de decisão na política, e por este motivo o século XXI foi considerado pelo historiador francês Pierre Rosanvallonh como “o século do populismo”. Não há um consenso entre autores entre a definição de populismo - as particularidades do contexto político, econômico e social resultam em uma ampla variação do termo. Ademais, os conceitos de populismo seguem abordagens distintas, tais como o populismo como ideologia, como estilo político e como sendo ontologia do político.

A emergência desses líderes resgatou o debate, principalmente no sentido de “fazer” o populismo. Nos últimos anos, o Brasil presenciou a emergência de um político *outsider* que foi capaz de superar a polarização política no país entre os partidos Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Partido dos Trabalhadores (PT): Jair Messias Bolsonaro. Cabe ressaltar que o surgimento da figura na política brasileira não é imediato - Bolsonaro está na carreira desde a década de 90, há mais de 30 anos.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo analisar os discursos de Jair Bolsonaro durante o sétimo mandato como deputado federal na Câmara dos Deputados, que antecedeu a sua vitória como Presidente da República em 2018, e a relação com o populismo.

Para compreender tal conexão, os discursos proferidos pelo então deputado federal Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados serão analisados a partir do *software* de análise textual IRaMuTeQ, que reproduzirá os discursos em duas ferramentas distintas: a nuvem de palavras, que verifica a frequência de cada termo; e a análise de similitudes, que identifica o contexto textual em que as palavras estão inseridas, e os temas baseado na coocorrências em que acontecem. Este trabalho não é uma inovação em relação ao tema, uma vez que existem, na comunidade acadêmica, análises isoladas de discursos de Bolsonaro e também aqueles que associam ao populismo; no entanto, tais trabalhos exploram os discursos como presidente (Fuks; Tamaki, 2020; Cruz, 2020; Filho; Procópio, 2020; Ricci; Izumi; Moreira, 2021; Souza; Leite, 2021; Silva; Lima, 2021), e não como parlamentar. Além disso, o trabalho também objetiva apresentar o teor dos discursos proferidos em uma das casas que integram o Poder Legislativo: a Câmara dos Deputados.

A pesquisa deste trabalho se guiou pela abordagem qualitativa, a partir das revisões bibliográficas feitas acerca da definição de populismo e a análise do conceito relacionado aos discursos de Jair Bolsonaro. A conclusão demonstra que, embora exista teor populista nos discursos, além de resquícios nacionalistas, o viés autoritário a partir dos indicadores de comportamento autoritário é predominante.

Este trabalho se organiza em 7 capítulos. No primeiro, abordaremos sobre o tema, objetivo, metodologia e conclusão. O capítulo 2 discorre sobre as variações do conceito de populismo na comunidade acadêmica. A maioria dos autores citados neste capítulo possuem um contexto político distinto do que será analisado. No entanto, é importante notar como as conceituações de populismo podem se apresentar de formas diferentes.

O terceiro capítulo contextualiza o populismo ao contexto do qual é o objetivo do trabalho: na América Latina e o Brasil. As ocorrências de governos populistas não são inéditas na sociedade, e abordaremos sobre casos brasileiros e latino-americanos, considerando suas especificidades.

O capítulo 4 conceitua o autoritarismo e aborda indicadores de comportamentos autoritários em populistas. Líderes políticos podem se manifestar de diversas maneiras, e principalmente com teor autoritário. No contexto do Brasil, mencionaremos algumas situações em que demonstram que o autoritarismo sempre esteve presente na história do país.

O capítulo 5 traz o contexto da carreira política de Jair Bolsonaro e o contexto político do ano em que conquista o protagonismo na política brasileira, além dos dados sobre o desempenho nas eleições em que disputou.

O sexto capítulo é a metodologia do trabalho, onde abordamos o *software* utilizado, bem como as análises dos resultados. O capítulo 7, por fim, retorna aos conceitos de populismo e autoritarismo citados ao longo do trabalho e a relação entre os discursos proferidos por Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados.

2. POPULISMO E SEUS CONCEITOS

Autores de diversos países ao redor do mundo têm se dedicado há décadas ao estudo do conceito de populismo, e principalmente nos últimos anos devido ao surgimento de políticos com viés populista (Canovan, 1981; 1999; 2002; Weffort, 1986; Ianni, 1991; Ferreira, 2001; Laclau, 2005, Kaltwasser, 2012; Moffitt; 2016; Mudde; Kaltwasser, 2017). No entanto, não existe concordância na definição do conceito; a comunidade acadêmica diverge quanto às suas particularidades. Isto ocorre porque os autores definem o populismo baseados em momentos históricos, contextos políticos, abordagens e regiões onde ocorrem; daí a pluralidade do conceito (CÂMARA, 2021, p. 863).

Atravessar por esta multiplicidade de definições é necessário para compreender a argumentação na comunidade acadêmica entre os cientistas e filósofos políticos. O artigo de Cassimiro (2021) nos guiará parágrafos seguintes porque aborda os variados conceitos de populismo desenvolvidos, e citaremos alguns deles a partir da estrutura organizada pelo autor. Além disso, também mencionaremos o artigo de Pinto (2017) sobre Laclau, e a conexão entre populismo e autoritarismo.

Compreendendo o populismo como uma questão dentro das ideologias políticas, Cassimiro (2021) aborda a teórica política inglesa Margaret Canovan. Publicados nas décadas de 80 e 90, os trabalhos iniciais da autora não identificaram o populismo como uma ideologia, e esta identificação se transformou ao longo do tempo, como no trabalho de 2002 (p. 3).

No livro *Populism* de Canovan, Cassimiro (2021) aborda que a autora discorre sobre a multiplicidade do conceito devido aos fatores históricos e políticos e também como identificar o populismo. Pensando nisso, Canovan diferenciou o populismo como movimento agrário associado à modernização e como fenômeno político. Existem três movimentos dentro do populismo agrário, como o radicalismo agrário, o movimento camponês e o socialismo agrário. Em relação ao populismo político, os quatro movimentos são a ditadura populista, democracia populista, populismo reacionário e populismo dos políticos (p. 5). Um problema abordado por Canovan diz respeito aos inúmeros conceitos de populismo e como identificá-los. Para isso, a autora recorre à afirmação de Peter Wiles em um texto sobre o tema em que o populismo é considerado uma “síndrome”, porque pode surgir como “[...] certos tipos de reações despertadas

contra determinados processos políticos: as elites políticas estabelecidas, os processos de industrialização, o declínio de valores tradicionais, entre outros." (p. 6).

Como já mencionamos anteriormente, a pluralidade do conceito possibilita que o populismo se apresente em diversos campos ideológicos, e um ponto sobre a presença do populismo para Canovan é que haverá, em todos eles, "[...] algum tipo de exaltação e apelo ao povo em um sentido antielitista." (apud Cassimiro, 2021, p. 6). Em trabalhos posteriores, a autora menciona sobre como as síndromes populistas:

> "[...] emergiriam como modos de protesto contra a dimensão altamente contingente das instituições democráticas no que se refere ao exercício efetivo do governo do povo, podendo levar tanto à sua transformação em um sentido mais democrático – ou seja, mais responsivo às reivindicações do soberano – quanto à subversão da democracia em direção a um sistema autoritário." (CASSIMIRO, 2021, p. 7).

No sentido de populismo como ideologia, Canovan resgata o trabalho do cientista político inglês Michael Freeden que aborda sobre teoria das ideologias. Tal teoria aborda que a ideologia possui um conceito central (*core concept*) seguido de outros vários conceitos secundários, e que as combinações produzem definições distintas. Assim, de acordo com Canovan, "[...] o conceito central do populismo como ideologia seria 'o povo', seguido pelos conceitos de 'democracia', 'soberania', e 'regra da maioria'." (apud Cassimiro, 2021, p. 7).

Assim como Canovan, Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser também interpretam o populismo como ideologia. Os três conceitos centrais (*core concepts*) do populismo para eles, de acordo com Cassimiro (2021), seriam o povo, a elite e a vontade geral (p. 8). Os autores entendem que as definições de povo e elite podem ser distintas em diferentes contextos. No caso das elites, a definição tem relação à oposição de interesse e acordo em relação ao povo, enquanto a vontade geral serviria para a formação de concordância e senso comum.

Mesmo que não haja consenso acerca da definição de populismo, há conformidade sobre ocorrências comuns de populismo, como a denúncia da elite e o apelo ao povo (p. 9). Mudde e Kaltwasser definem o populismo como uma ideologia esvaziada (*thin-centered ideology*) "[...] que considera a sociedade separada em dois campos homogêneos e antagonistas, o 'povo puro' e as 'elites corruptas'." (apud Cassimiro, 2021, p. 9). O populismo é uma ideologia esvaziada porque pode estar presente em outras ideologias com a oposição existente entre o povo e as elites.

Autores contrários à ideia de populismo como ideologia são citados rapidamente por Cassimiro (2021), entre eles Ben Stanley, Kirk Hawkins e Norris e Iglehart. Para Stanley, dado

o pouco consenso sobre o populismo, ele não possui capacidade de determinar a relação de ideologias e movimentos políticos. Hawkins defende a classificação do populismo como um componente discursivo que pode estar presente ou não em outras ideologias. Já Norris e Iglehart defendem a associação do populismo à variação de valores entre autoritários e libertários (p. 12).

Benjamin Moffitt define o populismo como um estilo político, que de acordo com Cassimiro, é "[...] um tipo específico de performance política altamente mediatizada e estilizada no contexto político contemporâneo" (p.13). Embora não haja consenso entre autores que escrevem acerca da definição de populismo, de acordo com Moffitt eles concordam quanto à identificação dos líderes populistas.

Moffitt discorre sobre três características que podem ser observadas na ação dos populistas: "[...] o apelo 'ao povo' contra 'a elite', 'o politicamente incorreto' (*bad manners*) e a percepção de uma crise, uma ruptura ou uma ameaça (*crisis, breakdown, threat*)." (apud Cassimiro, 2021, p. 15). No primeiro caso, presente em todas as análises de populismo feitas pelo autor, a ideia corroborada é a polaridade entre "o povo" e "a elite". O politicamente incorreto se relaciona com a conduta inflexível e formal das elites, enquanto o populista busca um movimento contrário a este tipo de comportamento. Por fim, a percepção de crise remete ao fato de que elites não saberiam lidar ou manipulariam algumas questões da sociedade, como em casos de dificuldades econômicas e sociais, imigração e entre outros (p. 15).

Para Ernesto Laclau, o populismo é como a ontologia do político e "[...] uma forma de construir o político." (apud Cassimiro, 2021, p. 17). O populismo está ligado a construção de identidades coletivas com a lógica da diferença e a lógica da equivalência. A relação entre as duas lógicas, então, compõe a identidade (p. 18). Cassimiro apresenta duas precondições do populismo para Laclau, que são:

a) antagonismo entre "povo" e "poder"
b) demandas insatisfeitas e a lógica da equivalência

Esse antagonismo é inerente à política e "[...] se constrói contra aquilo que se opõe às identidades subalternas [...]" (p. 24-25). Tais demandas subalternas são formadas a partir da lógica da equivalência. No entanto, para compreendermos essa lógica de equivalência, é necessário a explicação sobre a lógica da diferença. Para Laclau, o povo se constitui por meio de demandas. As demandas, então, formam a lógica da diferença da sociedade, nas quais os

indivíduos possuem distintas reinvindicações que coexistem na democracia, cada uma em um espaço.

Pinto (2017), no artigo "ERNESTO LACLAU: DA DEMOCRACIA RADICAL AO POPULISMO", também nos ajuda a compreender a relação entre as lógicas, em que aborda o trabalho de Laclau e Mouffe em "Hegemonia e Estratégia Socialista", "a lógica da equivalência se constrói a partir de uma tensão necessária, que é a presença do outro." (p. 31). Portanto, a lógica de equivalência é a articulação dos grupos da lógica da diferença em cenários de tensão política, como as crises. Como a autora menciona, a cadeia de equivalências possui uma relação antagônica com o inimigo, considerado dominador, e que "[...] esses momentos de assimilação de lutas chamadas democráticas é também um momento de grande hegemonia por parte de um grupo no poder." (p. 27). Para Laclau, "a construção de um povo é condição *sine quo non* do funcionamento democrático. Sem a produção do lugar vazio não há povo, não há populismo, mas tão pouco há democracia" (apud. Pinto, 2017, p. 32-33). O lugar vazio consiste de vários atores de movimentos distintos, que se reconhecem em um único elo como antagônico ao poder dominante. Este movimento, para Laclau, é a existência do povo (p. 33), sendo fundamental para o populismo, assim como o líder.

2.1. Populismo na América Latina e no Brasil

A maioria das definições citadas no capítulo anterior detêm de óticas europeias e estadunidenses devido às ocorrências nos diferentes contextos políticos, tanto dos estudos acerca do tema quanto dos autores. É relevante aludir tais conceituações porque é possível estabelecer e interpretar o populismo a partir de várias perspectivas. O objetivo deste subcapítulo é fazer um recorte das conceituações do populismo no Brasil do cenário latino-americano e exemplificando alguns casos, uma vez que trataremos, posteriormente, de Jair Bolsonaro e a relação com o populismo.

Ao considerar a América Latina como um único elemento de análise, Octávio Ianni (1991) afirma que isso seria equivocado. Embora os países estejam no mesmo continente, o autor justifica que devido às colonizações por países europeus, cada país dispõe de particularidades, tais como "políticas, econômicas, linguísticas e religiosas, [...] divisão das classes sociais". No entanto, como os países latino-americanos pertencem ao capitalismo

mundial e são inerentes ao sistema, existem muitos traços em comum entre eles (p. 14-15). Ianni ainda menciona que "Aliás, o desenvolvimento desigual e combinado não é uma teoria do acaso, mas um modo particular de funcionamento das leis do capitalismo nas sociedades atrasadas ou dependentes." (p. 15). Ancorado nessa explicação, o autor acredita ser factível a comparação de fenômenos entre os países latino-americanos.

No artigo "O populismo latino-americano", María Luisa Aguerre busca identificar o populismo na América Latina como uma forma de fazer política a partir de uma tipologia construída pela autora. A partir de estudos dos governos populistas que alcançaram o poder na América Latina, Aguerre (2017) elencou 5 elementos constitutivos que compõem o populismo, quais sejam:

a) autoritarismo;
b) confiança exagerada na liderança carismática;
c) apelo ao povo como objetivo principal da atividade política;
d) antiliberalismo;
e) nacionalismo.

Em momentos de crises políticas e econômicas, líderes carismáticos surgem e adquirem a atenção de parte da população, geralmente "massas empobrecidas". Essa atenção, de acordo com Aguerre, se torna uma relação bem estruturada entre o líder e o povo, sem o envolvimento de outros políticos (p. 19). Como medida de aproximação, o líder utiliza de atos como manifestações e mídias (como a televisão e, nos últimos anos, a internet) para discursos diretos à massa. Um exemplo mencionado pela autora é novamente Getúlio Vargas e os comícios realizados diretamente com a população. O segundo exemplo possui relação com a distribuição de bens, como a redistribuição de recurso no Peru após a privatização de empresas públicas. Na relação entre líder e liderados, ocorre a manipulação das massas pelo líder. Por parte dos liderados, de acordo com Aguerre, eles "[...] procuram beneficiar-se pessoalmente e pensam que o líder é o único capaz de dar-lhes uma resposta rápida às suas necessidades econômicas." (p. 22, tradução nossa).

A presença de discursos que evidenciam a polaridade estão presentes em governos populistas. Com viés conservador, os pronunciamentos incentivam a polarização de "nós" contra "eles"; no populismo, o "povo" e o "anti-povo". No histórico do populismo na América Latina, existem "inimigos" internos e externos, como as elites sociais que possuem certa relação com outros países, os partidos políticos e políticos opositores.

Não é coincidência o surgimento do populismo em momentos de decepção com a democracia liberal e sistemas políticos, afirma Aguerre. As lideranças que surgem rejeitam partidos e políticos por sobreporem interesses pessoais aos interesses do povo. No histórico latino-americano exemplificado pela autora, vários líderes rechaçaram a oposição, como Getúlio Vargas, Perón, Velasco Ibarra e Alberto Fujimori. Para além disso, os populistas não eram totalmente contra o capitalismo, a intenção era "[...] dominá-lo através da intervenção permanente do Estado." (p. 25, tradução nossa).

Aguerre discorre sobre a posição nacionalista dos populistas latino-americanos contrária à exploração colonial e ao imperialismo europeu num primeiro momento (p. 32). Posteriormente, contrários também à intervenção dos Estados Unidos e órgãos internacionais em políticas nacionais nos países latino-americanos. Nestes acontecimentos, os líderes populistas discursaram com forte posição nacionalista.

Os cinco elementos citados anteriormente possibilitaram à autora a identificação de governos populistas na América Latina em três momentos, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Governos populistas na América Latina

Período	**Populistas**
1930-1955 Populistas clássicos	Getúlio Vargas (Brasil), Juan Domingo Perón (Argentina), Velasco Ibarra (Equador), Arnulfo Arias (Panamá), Lázaro Cárdenas (México)
1990-2000 Populistas de direita	Alberto Fujimori (Peru), Carlos Menem (Argentina)
1998-2013 Populistas com viés socialista	Hugo Chávez e Nicolás Maduro (Venezuela), Evo Morales (Bolívia), Rafael Correa (Equador)

Fonte: elaboração própria com dados de Aguerre (2017).

Existe uma relação entre governos populistas e militares na manutenção do poder. Em alguns governos populistas os militares apoiaram a permanência do poder de Perón, Getúlio Vargas, Lázaro Cárdenas. Fujimori e Chávez por razões distintas, como a insatisfação em relação às elites econômicas, concordância entre ideologias e alianças entre interesses. No caso de Velasco Ibarra e Arnulfo Arias não houve apoio dos militares por não concordarem com ideias populistas (p. 36).

Contextualizando o conceito de populismo no Brasil, Francisco Weffort no livro "O populismo na política brasileira" publicado na terceira versão em 1986, define o populismo

como “[...] a exaltação do poder público; é o próprio Estado colocando-se através do líder, em contato direto com os indivíduos reunidos na massa” (p. 28). Para o autor, o populismo “[...] surge como forma de dominação nas condições de ‘vazio político’, em que nenhuma classe tem a hegemonia [...] reserva-se ao líder ou ao partido populista a função de intermediário entre os grupos dominantes e as massas.” (p. 159).

De acordo com Weffort (1986), “desde 1945, o povo pode influir - e efetivamente o faz, ainda que apenas indiretamente na composição de forças ao nível das elites e em sua renovação.” (p. 18), sendo o sufrágio extremamente relevante no contexto de manifestação política das massas. Ademais, o contexto de desenvolvimento industrial e urbano propiciou a inserção das massas populares na política devido às transformações sociais e econômicas, que resultam da insatisfação em relação à questão agrária e concentração nas elites governantes, o rompimento da hegemonia das oligarquias rurais, ao desagrado à classe média e às elites (p. 19-23).

A influência do voto das massas eleitorais provocou uma mudança na sociedade e no processo político brasileiro a partir de 1945, e Weffort relata que são os efeitos da Revolução de 1930 caminhando para uma “revolução democrática” (p. 21-22). O autor também menciona sobre a cultura nacionalista que surgiu em 1956 a partir de Juscelino Kubistchek como presidente do Brasil, que ignoraram a existência do populismo na política (p. 25). Weffort afirma que “[...] o populismo brasileiro é, por certo, um fenômeno de massas.” (p. 27). Portanto, o populismo é baseado na relação entre líder e a massa, em que a massa legitima as ações do líder que possui como imagem o Estado, além de ser responsabilidade do líder manter a confiança que a massa depositou sobre ele (p. 41).

Esta relação entre líder e povo, de acordo com Pinto (2017), pode propiciar o surgimento do autoritarismo. A autora menciona o trabalho de Panizza em que aborda dois pontos comuns em estudos sobre populismo: a presença do líder e a relação direta entre líder e povo (p. 36). Conforme tradução da autora retirado do trabalho de Panizza,

> “No discurso populista, políticas e partidos políticos são frequentemente considerados instituições diversionistas que deveriam ser eliminadas, ou pelo menos purificadas de facções ou interesses particularistas permitindo ao povo tornar-se unido.” (apud Pinto, 2017, p. 36).

De acordo com a autora, “[...] o desprezo às instituições e a centralidade do líder como capaz de substituí-las [...] podem reforçar a proximidade do populismo com o autoritarismo/totalitarismo.” (ibidem p. 36-37).

2.2. Autoritarismo

De relevância imensurável para a política e a sociedade, o filósofo político italiano Norberto Bobbio e os cientistas políticos italianos Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino organizaram o "Dicionário de Política", publicado pela primeira vez em 1976. Na definição do verbete Autoritarismo escrita pelo cientista político italiano Mario Stoppino, existem três esferas em que a palavra pode ser empregada. A primeira esfera diz respeito aos sistemas políticos em que há a centralidade do poder em uma autoridade específica. Na segunda, os indivíduos dispõem de "disposições psicológicas" em relação ao poder, quando inferiores hierarquicamente obedecem aos superiores, e quando superiores detêm poder e os tratam com desprezo. A terceira esfera se refere às ideologias políticas que abarcam os regimes autoritários extremamente hierarquizados.

Nas três circunstâncias relatadas há a presença da autoridade, responsável por difundir a relação de poder e

> "[...] condicionada por uma estrutura política profundamente hierárquica, por sua vez escorada numa visão de desigualdade entre os homens e exclui ou reduz ao mínimo a participação do povo no poder e comporta normalmente um notável emprego de meios coercitivos." (p. 95).

Para Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, o autoritarismo pode ser previamente reconhecido em candidatos políticos a partir de discursos e atitudes que servem como sinais de alerta. Estes sinais foram desenvolvidos pelos autores em quatro indicadores, destrinchados com outros elementos, com base no livro "*The Breakdown of Democratic Regimes*" do cientista político alemão Juan Linz. Dentre os indicadores, estão as rejeições das regras democráticas do jogo, negação da legitimidade dos oponentes políticos, encorajamento à violência, estímulo a ataques de multidões contra oponentes. Os autores mencionam que a identificação de um político em apenas um dos critérios da Tabela 1 é preocupante, e que os candidatos *outsiders* populistas possuem mais chance de se enquadrarem nesse "teste". Tais indicadores podem ser identificados a partir dos elementos descritos no quadro abaixo:

Quadro 2 – Os quatro principais indicadores de comportamento autoritário

Indicadores	Elementos
1. Rejeição das regras democráticas do jogo (ou compromisso débil com elas)	a) Rejeição ou expressão de violação à Constituição; b) Sugestão de medidas antidemocráticas, como cancelar eleições, proibir e restringir direitos civis ou políticos básicos; c) Buscar ou endossar meios extraconstitucionais para mudar governos, tais como golpes militares e protestos de massa destinados a forçar mudanças no governo; d) Tentativa de minar a legitimidade das eleições, se recusando a aceitar resultados eleitorais dignos de crédito.
2. Negação da legitimidade dos oponentes políticos	a) Descrição de rivais como subversivos ou opostos à ordem constitucional existente; b) Afirmação de que os rivais constituem uma ameaça, seja à segurança nacional ou ao modo de vida predominante; c) Sem fundamentação, descrição de rivais partidários como criminosos cuja suposta violação da lei (ou potencial de fazê-lo) desqualificaria sua participação plena na arena política; d) Sem fundamentação, sugerir que rivais são agentes estrangeiros, pois estariam trabalhando secretamente em aliança com (ou usando) um governo estrangeiro – com frequência um governo inimigo?
3. Tolerância ou encorajamento à violência	a) Ter quaisquer laços com gangues armadas, forças paramilitares, milícias, guerrilhas ou outras organizações envolvidas em violência ilícita; b) Patrocinar ou estimular eles próprios ou seus partidários ataques de multidões contra oponentes; c) Endossar tacitamente a violência de seus apoiadores, recusando-se a condená-los e puni-los de maneira categórica; d) Elogiar (ou se recusar a condenar) outros atos significativos de violência política no passado ou em outros lugares do mundo.
4. Propensão a restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia	a) Apoiar leis ou políticas que restrinjam liberdades civis ou leis que restrinjam protestos e críticas ao governo ou certas organizações cívicas ou políticas; b) Ameaçar tomar medidas legais ou outras ações punitivas contra seus críticos em partidos rivais, na sociedade civil ou na mídia; c) Elogiar medidas repressivas tomadas por outros governos, tanto no passado quanto em outros lugares do mundo.

Fonte: LEVITSKY e ZIBLATT (2018). Adaptado.

Cabe, ainda, trazer o autoritarismo no contexto brasileiro. No livro “Sobre o autoritarismo brasileiro”, a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz contextualiza como as práticas com teor autoritário foram enraizadas ao longo dos diversos períodos do país. O primeiro período é o da escravidão que ocorreu logo após a invasão ao Brasil pelos portugueses no século XVI, em uma relação de escambo entre mercadorias dadas pelos portugueses e trabalho manual dos nativos. Alguns anos depois com o intuito de colonizar as Américas e aumentar a força de trabalho, africanos foram expulsos violentamente da África com destino ao

Brasil através dos navios negreiros (p. 75-76). Os escravos e escravas passavam por horas exaustivas de trabalho, não tinham direitos, viviam em condições insalubres, eram humilhados e punidos de forma vexatória e publicamente. Para Schwarcz (2019),

> "[...] a escravidão foi bem mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez de raça e cor marcadores de diferença fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência, e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia muito estrita." (SCHWARCZ, 2019, p. 23)

Após mais de 300 anos do início da escravidão e perpetuação da violência e relação desigual de poder, houve a abolição através da Lei Áurea. Lilia Schwarcz ainda relata que após esse período, surgiram teorias racistas que buscaram justificar "superioridade" racial branca para manter a estrutura de dominação sobre os negros. Schwarcz aborda Max Weber. O filósofo alemão discorre sobre tipos de dominação, dentre elas a racional-legal, tradicional e carismática. Para ele, dominação tradicional acontece "[...] quando sua legitimidade repousa na crença na santidade de ordens e poderes senhoriais tradicionais ('existentes desde sempre')" (apud Schwarcz, 2019, p. 148). É possível observarmos esta dominação no Período Colonial, uma vez que nativos e escravos foram submetidos à tradição portuguesa. Schwarcz ainda discorre sobre a presença do mandonismo para obtenção de influência política. Após a promulgação da Lei Áurea e já no Período Republicano, esse tipo de dominação foi utilizado para a manutenção da estrutura hierarquizada, da concentração de terras e o poder dos homens brancos. (p. 47)

Outro tipo de dominação mencionado por Schwarcz é o patrimonialismo, "[...] é resultado da relação viciada que se estabelece entre a sociedade e o Estado, quando o bem público é apropriado privadamente." (p. 56). Na história da política brasileira, os casos de uso pessoal de verba pública são inúmeros por parte dos políticos e atravessam diversos momentos distintos. Assim como a corrupção, são práticas ilícitas que estão arraigadas na cultura brasileira. Essa

> "A contaminação de espaços públicos e privados é uma herança pesada de nossa história, mas é também um registro do presente. A concentração da riqueza, a manutenção dos velhos caciques regionais, bem como o surgimento dos 'novos coronéis' e o fortalecimento de políticos corporativos mostram como é ainda corriqueiro no Brasil lutar, primeiro, e antes de mais nada, pelo benefício privado. Essa é uma forma autoritária e personalista de lidar com o Estado, como se ele não passasse de uma generosa família, cujo guia é um grande pai, que detém o controle da lei, é bondoso com seus aliados, mas severo com seus oponentes, os quais são entendidos como inimigos." (p. 71)

As práticas escravistas, que envolvem também o autoritarismo, estão enraizadas no Brasil. A reportagem divulgada pelo Portal G1 em março de 2023 divulga dados que foram

compilados pelo auditor fiscal Maurício Krepsky, Chefe da Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo (Detrae) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Entre janeiro e 20 de março de 2023, 918 pessoas foram resgatadas pelo MTE em situação análoga à escravidão. Relatos de trabalhadores expõem semelhanças entre mecanismos que eram utilizados há quase 500 anos, como a coerção, violência, ameaças e opressão de liberdade.

Noticiado pela Exame e por diversos outros jornais brasileiros, durante um comício da campanha presidencial em setembro de 2018, Jair Bolsonaro fez um discurso aos apoiadores no Acre incitando à violência. Simulando uma arma com um tripé de câmera, a frase "Vamo fuzilar a petralhada aqui do Acre, hein" traz, além da incitação ao crime, o populismo vinculado ao viés autoritário citado anteriormente por Pinto (2017).

Mencionamos apenas duas situações dentre diversas que ocorreram nos últimos anos, no entanto, os últimos casos mencionados expõem como o autoritarismo possui uma raiz no contexto brasileiro que dificilmente se esvairá com o tempo. A perpetuação do autoritarismo na sociedade brasileira ocorre por muitas vezes de forma velada, ou melhor dizendo, normalizada pelos cidadãos num contexto geral, o que dificulta a extinção de práticas tão cruéis e desumanas que muitas vezes são direcionadas a grupos sociais vulneráveis na sociedade. Ademais, a manutenção desses mecanismos favorece o *status quo* do grupo que detém mais recurso e poder.

3. JAIR BOLSONARO COMO EXPRESSÃO DA EXTREMA DIREITA

Em reportagem à Folha de São Paulo (2022), Tupina e Rosa escreveram sobre a vida pessoal e política de Jair Bolsonaro. De acordo com os jornalistas, Bolsonaro ingressou na carreira militar aos 17 anos através da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, e após um período na Academia Militar das Agulhas Negras. Se formou em 1977 e fez parte do setor de paraquedismo. Dois acontecimentos culminaram na ida à reserva da carreira militar para Bolsonaro, de acordo com a reportagem da Uol: o primeiro foi a prisão por 15 dias, ocasionado por um texto publicado na revista Veja em que se queixou do salário dos militares. O segundo acontecimento ocorreu em 1987 após uma notícia também na revista Veja, que Bolsonaro e outro oficial se organizaram para explodir bombas-relógio em áreas militares no Rio de Janeiro. Em ambos os casos foi absolvido, no primeiro pelo Superior Tribunal Militar (STM) e no segundo pelo Conselho de Justificação Militar (CJM).

O breve histórico relatado acima foi o que antecedeu a vida política de Bolsonaro. Após a absolvição do CJM em 1988, o então militar decidiu ir para a reserva com a patente de capitão com o intuito de ingressar na carreira política. No mesmo ano, se candidatou como vereador no Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão (PDC) e se elegeu com pouco mais de três mil votos de acordo com o Jornal do Brasil, mantendo-se no cargo da Câmara Municipal até 1990, até se candidatar a deputado federal pelo Rio de Janeiro. Jair Bolsonaro se elegeu em todas as vezes que disputou como deputado federal, permanecendo no cargo por sete mandatos consecutivos.

3.1. A emergência da extrema direita: o fortalecimento de Bolsonaro

A extrema direita brasileira não ganhou força de um dia para o outro. O movimento foi gradualmente construído ao longo dos últimos 20 anos, principalmente a partir de 2007 com a emergência de novos atores. Esse grupo, de acordo com Tatagiba et. al (2015), surge no contexto em que a esquerda está no poder através de Lula como presidente da República. Os protestos e movimentos, denominados pelos autores de “protestos à direita” eram pautados na denúncia sobre o Mensalão dos Partidos dos Trabalhadores (PT), que aconteceu entre 2005 a 2012, e a

corrupção no governo petista (p. 198). A insatisfação da população com os escândalos do governo petista é nítida quando observamos em uma passeata que homenageava vítimas do acidente aéreo da linha aérea TAM com 199 mortos, cartazes que também eram contrários ao Lula e à corrupção (p. 200), liderado pelo Movimento Cansei, que posteriormente perdeu força de manifestação.

Para além dos movimentos contrários à esquerda, entre 2011 e 2014 a ala conservadora brasileira sentiu o "choque progressista", como relatado por Rocha e Medeiros (2022). Uma série de acontecimentos contribuíram para este choque, entre eles a criação da Comissão Nacional da Verdade para a investigação de crimes ocorridos na ditadura militar, o reconhecimento da união homoafetiva pelo Supremo Tribunal Federal (STF), a descriminalização de aborto de fetos anencefálicos, garantia de igualdade de direitos trabalhistas para trabalhadores e trabalhadoras através de uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC), conhecida pela PEC das Domésticas, e a sanção da Lei da Palmada com o intuito de proteger crianças e adolescentes contra a violência e ao castigo físico (p. 75).

As jornadas de junho de 2013, que inicialmente tinha como pauta a insatisfação em relação ao aumento da passagem do transporte público, se transformaram em mobilizações de um agregado de reivindicações em diversas cidades do Brasil. É importante ressaltar que as manifestações não tinham como representante um líder político; foram organizadas por movimentos da sociedade civil. Durante as jornadas os, manifestantes protestavam contra os gastos públicos da Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016, a violência policial, contra a corrupção e a falta de representatividade política.

Questões como corrupção e falta de representatividade política também foram pautas de protestos contra a então presidenta Dilma Rousseff em 2013. De acordo com Telles (2015), tais protestos eram compostos por indivíduos com "[...] pensamento de direita, o antipartidarismo reativo, o antipetismo e a ambiguidade em relação ao apoio à democracia [...]" (p. 29). Inúmeras são as questões que motivaram para o surgimento da "nova direita", sendo uma das principais o antipetismo. Durante uma manifestação realizada em abril de 2013, o Grupo Opinião Pública e o Centro de Convergências em Novas Mídias, da Universidade Federal de Minas Gerais, observaram alguns retratos do público presente. Em um dos resultados da pesquisa, os males do Brasil têm como culpa os políticos petistas, onde "[...] 91% declararam que o PT fez um grande mal ao país e 82% deram nota 0 ao PT." (p. 31).

Para “combater” o problema da esquerda no país, Aécio Neves surgiu como candidato à presidência do país pelo tradicional Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). As campanhas relacionavam diretamente o Partido dos Trabalhadores e a corrupção. Entretanto, esse movimento da direita não foi suficiente para impedir a reeleição de Dilma Rousseff em 2014. Além disso, como relatado por Telles (2015), uma pesquisa feita em 2015 demonstrou que 75% dos brasileiros entrevistados não possuíam associação aos partidos políticos, o que demonstra, de acordo com a autora, um sentimento antipartidário (p. 37). Este sentimento de antipartidarismo possibilita o surgimento de atores políticos que estão posicionados – ou se colocam desta maneira, sendo verdade ou não – aquém das elites políticas, conhecidos como *outsiders* políticos.

As manifestações dos novos atores mencionados por Tatagiba et. al (2015) e a nova direita emergente descrita por Rocha e Medeiros (2022) não foram aleatórias. Como relatado de forma breve anteriormente, a conjuntura brasileira como o antipartidarismo reativo, a crise econômica, política e de representação política, bem como a polarização entre esquerda versus direita e reação conservadora viabilizaram o protagonismo à Jair Bolsonaro e sua família.

Chaguri e Amaral (2021) argumentam que a base de apoio a Jair Bolsonaro se consolidou devido ao longo período do autoritarismo presente na sociedade brasileira, que “concedeu” sentimento de identificação. A análise foi feita a partir do *survey* A Cara da Democracia, realizado pelo Instituto da Democracia em 2020, a partir de um recorte dos entrevistados que mantiveram o apoio ao então presidente, mesmo com as crises que ocorreram no Brasil no mesmo ano. Em resposta ao *survey*, 25% dos respondentes disseram que gostam bastante de Bolsonaro (p. 6). A hipótese dos autores

> “[...] parte da constatação de que a liderança de Jair Bolsonaro promove a sinergia de dois fenômenos políticos e sociais bem descritos pela literatura. Em primeiro lugar, a vinculação de um discurso conservador e de direita com a defesa aberta de regimes autoritários, como o período entre 1964 e 1985, no Brasil, e entre 1973 e 1990, no Chile. [...] Em segundo lugar, a liderança de Jair Bolsonaro pode ser enquadrada no movimento de emergência, em diferentes partes do mundo, de políticos e partidos populistas-autoritários, fenômeno no qual em nome de uma suposta democracia real as lideranças atacam o establishment político e as instituições de controle do Executivo.” (p. 6-7).

Chaguri e Amaral construíram modelos estatísticos com o intuito de analisar impacto e nível de percepção autoritária da política através do desenvolvimento de um Índice de Autoritarismo. Os autores comprovam a hipótese e ainda argumentam que

> “[...] o bolsonarismo reorganizou as bases ideológicas do autoritarismo em duas direções principais: (1) o rearranjo do modo como as relações sociais baseadas nas

> diferenças percebidas entre sexos, gêneros, raças e classes são expressas; (2) a catalisação de aspectos significativos das agendas, pautas e atores anticorrupção." (p. 14).

Essa reorganização ocorreu através de discursos baseados em antagonismos, contra os direitos humanos, anticorrupção, além de o representante ser conhecido como um outsider político. A relação de líderes e partidos políticos alinhados às questões conservadoras, autoritárias e políticas que têm uma base de apoio social não é exclusivamente brasileira (p. 21). Ainda de acordo com os autores, líderes pelo mundo com esse viés possuem semelhanças, tais como "[...] nacionalismo; desdém com relação aos direitos civis; e defesa da tradição e da estabilidade, geralmente fundadas em noções unitárias sobre a religiosidade judaico-cristã, a família e a nação, atualizando os conflitos e as disputas do nós contra eles" (p, 21), e que Jair Bolsonaro e a base de apoiadores seguem este roteiro.

3.2. O desempenho de Bolsonaro como candidato

A tabela a seguir foi elaborada com dados obtidos nos sites do Tribunal Regional Eleitoral – Rio de Janeiro (TRE-RJ) com dados das eleições em que Jair Bolsonaro se candidatou como deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Como podemos observar, Bolsonaro foi eleito todas as vezes em que disputou. A maior diferença de votos entre candidaturas às legislaturas de anos seguidos está entre 2010 e 2014, com quase 350 mil. Esta diferença expressiva ocorre, como mencionamos anteriormente, devido à crise na política brasileira e surgimento de líderes distantes dos dois partidos políticos tradicionais à época, PT e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Tabela 1 – Votos recebidos por Bolsonaro em eleições para vereador e deputado federal

Mandato	Cargo	Partido	Turno	Votos
1989-1990[1]	Vereador	PDC - Partido Democrata Cristão	1º	3.046[2]
1990	Deputado federal		1º	67.041
1994		PPR - Partido Progressista Reformador	1º	111.927
1998		PPB - Partido Progressista Brasileiro	1º	102.893
2002			1º	88.945
2006		PP - Partido Progressista	1º	99.700
2010			1º	120.646

[1] Jair Bolsonaro interrompeu o mandato de vereador para se candidatar à deputado federal pelo Rio de Janeiro.

[2] Jornal do Brasil, edição nº 228.

2014[3]			1º	464.572

Fonte: Elaborada pela autora com base em dados do Jornal do Brasil, Tribunal Regional Eleitoral – Rio de Janeiro (TRE-RJ) e Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

Seguindo os novos rumos da carreira política, também construímos a tabela com dados obtidos no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) com o número de votos e partidos pelo qual disputou a presidência da república. Desde que ingressou na carreira política, 2022 foi o único ano em que Bolsonaro não conseguiu se eleger ao cargo em que disputou.

Tabela 2 – votos recebidos por Bolsonaro em eleições para Presidente da República

Eleições	**Cargo**	**Partido**	**Turno**	**Votos**
2018	Presidente da República	PSL - Partido Social Liberal	1º	49.277.010
			2º	57.797.847
2022		PL - Partido Liberal	1º	51.072.345
			2º	58.206.354

Fonte: Elaborada pela autora com base no Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

[3] O mandato como deputado federal foi até 2018 devido à eleição como presidente da República.

4. BOLSONARO: UM POPULISTA? ANÁLISE DOS DISCURSOS DE BOLSONARO NA 55ª LEGISLATURA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS

O intuito dessa monografia é identificar a assiduidade e padrões de palavras manifestadas por Bolsonaro em seu último mandato como deputado federal, entre os anos 2015-2018 (em 1º de janeiro, tomou posse como presidente-eleito). A definição do mandato foi escolhida para fins de observação dos termos mais comuns em seus discursos manifestados na Câmara dos Deputados antes de se tornar presidente da república – período distinto dos dois trabalhos que serão citados no próximo subitem. No entanto, dada a limitação de um trabalho de conclusão de curso, decidimos explorar os discursos baseado na frequência das palavras, concomitantemente à análise de alguns discursos proferidos pelo então deputado federal Jair Bolsonaro. Antes de apresentarmos os nossos achados, mencionaremos dois artigos extremamente relevantes com análises empíricas que ratificam o populismo dos presidentes, e principalmente de Jair Bolsonaro.

4.1. Estudos sobre discursos presidenciais de Bolsonaro

O trabalho de Fuks e Tamaki (2020) analisa pronunciamentos na campanha de 2018 em eventos oficiais e no Facebook através da metodologia que foi utilizada pelo projeto "*The New Populism*" do jornal britânico independente *The Guardian*. De acordo com os autores, o *Team Populism* utiliza de uma classificação para os discursos de zero a dois, onde zero não há quase ou nenhum teor populista, enquanto a nota máxima identifica como populista. Baseados em um trabalho sobre discursos populistas e a abordagem ideacional de 2009 de Kirk Hawkins, cientista político e professor da Universidade de Brigham Young (BYU), a *Team Populism* organizou seis parâmetros com elementos em discursos populistas, quais sejam:

1. Uma visão maniqueísta da política e do mundo;
2. Uso de proporções cósmicas para enfatizar a moral significado e justificar argumentos;
3. Exaltação da "vontade do povo", do "povo" como fonte legítima de autoridade moral e política;

4. Rotular as minorias ou a oposição como o inimigo, como ser mau;
5. Argumentos a favor de uma mudança sistêmica frequentemente expressos como "revolução" ou "libertação";
6. Adotar uma abordagem de "vale tudo" em relação aos "inimigos".

(ibidem, p. 107, tradução nossa).

Fuks e Tamaki codificaram os discursos e analisam através da classificação holística de análise textual, que de acordo com eles, tais codificadores são responsáveis pela interpretação dos textos (p. 106), além dos testes de confiabilidade do tratamento. Os resultados do *Team Populism* demonstram a nota populista de Jair Bolsonaro como 0,5. Para os autores, embora a nota seja relativamente baixa na escala de 0 a 2, os discursos de Bolsonaro se enquadram em três circunstâncias importantes para o surgimento do populismo (ibidem, p. 121). Estes três elementos, de acordo com Aguilar e Carlin (2017) e Halkins e Rovira Kaltwasser (2019), são: "[...] (i) uma cosmologia maniqueísta e moral; (ii) a criação e defesa do 'povo' como comunidade homogênea e virtuosa; e (iii) o enquadramento de uma 'elite' como uma entidade corrupta e egoísta." (apud Fuks e Tamaki, 2018, p. 106).

O artigo "O POPULISMO NO BRASIL (1985-2019). Um velho conceito a partir de uma nova abordagem", de Ricci, Izumi, Moreira (2021), propõe examinar o grau de populismo dos presidentes do Brasil – José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, Lula, Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro – desde a redemocratização. A avaliação ocorreu através de análise de quase seis mil discursos presidenciais oficiais entre 1985 e 2019 (ibidem, p. 2). Assim como o trabalho de Fuks e Tamaki (2020), este artigo também adota a abordagem ideacional, que para Hawkins e Kaltwasser,

> "[...] argumenta-se que o caráter populista dos políticos (e, por extensão, dos partidos) resulta da expressão de uma disputa entre a vontade do homem (do povo) de bem – o homem comum – e uma elite má, conspiradora e corrupta." (apud Ricci, Izumi, Moreira, 2021 p. 3).

A metodologia dos autores se dividiu em quatro etapas: (i), identificação dos termos potencialmente populistas; (ii) adoção de um critério de classificação do discurso; (iii): identificação das frases populistas; (iv) identificação dos discursos populistas. Nas estatísticas apresentadas pelos autores quanto aos discursos populistas, os três presidentes que se destacam na quantidade de discursos proferidos são Lula, Collor e Bolsonaro. Entre esses três, o considerado mais populista é Bolsonaro, e uma ressalva importante é que foram analisados apenas os discursos do primeiro ano de mandato como presidente (ibidem, p. 8). Ademais, um

outro aspecto em que Bolsonaro também se destacou foi a intensidade dos discursos populistas, definida como "[...] a porcentagem de frases populistas em relação ao total de frases do discurso. Assim, se um discurso possui 50 frases e 20 exaltam o povo e criticam a elite, a intensidade é de 40%." (ibidem, p. 8). Ricci, Izumi e Moreira também analisaram os discursos proferidos no primeiro ano dos presidentes, e os resultados apontam para Collor, Lula e Bolsonaro como mais populistas.

4.2. A Câmara dos Deputados

Como abordado no terceiro capítulo, Jair Bolsonaro foi deputado federal por quase 30 anos. De acordo com o art. 44 da Constituição Federal, o Poder Legislativo é exercido pelo Congresso Nacional e composto pela Câmara dos Deputados e do Senado Federal, sendo que cada legislatura possui duração de 4 anos. O art. 45 estabelece que os deputados federais que compõem a Câmara dos Deputados são eleitos pelo sistema proporcional em cada estado do Brasil. Dentre as atribuições do Congresso Nacional, compete ao deputado federal legislar e fiscalizar. Tais legislações e fiscalizações ocorrem através de sessões no Plenário da Câmara dos Deputados.

Através do art. 65 da Resolução nº 17, de 1989, o Regimento Interno da Câmara dos Deputados (RICD), as sessões legislativas são definidas em três tipos:

1) preparatórias, as que precedem a inauguração dos trabalhos do Congresso Nacional na primeira e na terceira sessões legislativas de cada legislatura;
2) deliberativas:
    a) ordinárias, as de qualquer sessão legislativa, realizadas apenas uma vez por dia, de terça a quinta-feira, iniciando-se às quatorze horas;
    b) extraordinárias, as realizadas em dias ou horas diversos dos prefixados para as ordinárias;
3) não deliberativas:
    a) de debates, as realizadas de forma idêntica às ordinárias, porém com duração de cinco horas e sem Ordem do Dia, apenas uma vez às segundas e sextas-feiras, iniciando-se às quatorze horas nas segundas-feiras e às nove horas nas sextas-feiras (...).

b) solenes, as realizadas para grandes comemorações ou homenagens especiais, por prazo não excedente a quatro horas.

(BRASIL, 1989)

As sessões deliberativas ordinárias constam, de acordo com o art. 66, de:

1) Pequeno Expediente, com duração de sessenta minutos improrrogáveis, destinado à matéria do expediente e aos oradores inscritos que tenham comunicação a fazer;
2) Grande Expediente, a iniciar-se às dez ou às quinze horas, conforme o caso, com duração improrrogável de cinquenta minutos, distribuída entre os oradores inscritos;
3) Ordem do Dia, a iniciar-se às dezesseis horas;
4) Comunicações Parlamentares, desde que haja tempo, destinadas a representantes de Partidos e Blocos Parlamentares, alternadamente, indicados pelos Líderes.

(BRASIL, 1989)

Ainda de acordo com o RICD, o art. 81 aborda que se houver tempo após a leitura da matéria do expediente, Deputados inscritos poderão utilizar para breves comunicações com tempo máximo de cinco minutos.

Toda a sessão legislativa é registrada através de notas taquigráficas. De acordo com o Portal da Câmara dos Deputados, o Banco de Discursos agrega notas taquigráficas e discursos proferidos pelos parlamentares desde 1946 até os dias atuais O Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação é responsável por

> "[...] planejar, organizar e dirigir as atividades pertinentes ao registro taquigráfico, revisão e redação final dos pronunciamentos e debates ocorridos no Plenário principal, nas Comissões Técnicas e, por determinação do Presidente da Casa, em outros eventos que envolvam assuntos relacionados com as atividades legislativas da Câmara dos Deputados; elaborar e divulgar as súmulas de discursos; manter sistemas de armazenamento e recuperação de informações relativas a pronunciamentos parlamentares e atividades típicas de registro taquigráfico." (PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS).

De acordo com o Portal, "[...] notas taquigráficas são o conjunto de discursos que compõe tudo o que é registrado nas sessões plenárias e nas reuniões das comissões Discurso é a transcrição tratada individualmente." Esta relevante base de informações está disponível para livre acesso no site da Câmara.

4.3. O *software* IRaMuTeQ, a nuvem de palavras e a análise de similitude

Existem diversas técnicas para análise de discursos, como a textometria, logometria, análise do discurso mediado por computador e entre outros (SOUSA, 2017, p. 1543). As técnicas possuem a lexicometria como ponto em comum, definida por Salem

> "[...] como um conjunto de procedimentos baseados em critérios formais que permitem reorganizar a estrutura de um texto ou conjunto de textos, assim como realizar cálculos estatísticos a partir do seu vocabulário." (apud Sousa, 2021, p. 1543).

Tais procedimentos são exemplificados com a frequência de palavras, formas gramaticais, vocabulário utilizado que podem verificar relação entre palavras e grau de "vizinhança" com o texto. Para além dessa relação, Sousa (2017) ainda menciona sobre as análises lexicométricas e ao questionamento de Marchand sobre qual a intenção do orador em optar e preferir por determinadas palavras (p. 1544).

De acordo com Vasconcellos-Silva e Araujo-Jorge (2019), a nuvem de palavras (NP) é uma ferramenta visual para analisar a frequência dos termos utilizados em textos, sendo que quanto maior o tamanho de uma palavra na NP, maior a sua frequência. Ademais, o manual do software IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), onde geramos as NPs, atesta que a ferramenta

> "[...] é uma análise lexical mais simples, porém, bastante interessante, na medida em que possibilita rápida identificação das palavras-chaves de um corpus, isto é, a rápida visualização de seu conteúdo, pois as palavras mais importantes estão mais perto do centro e graficamente são escritas com fonte maiores." (SALVIATI, 2017, p. 79).

A Análise de Similitude também é um instrumento que, de acordo com Marchand & Ratinaud,

> "[...] utiliza a coocorrência de formas lexicais em textos ou segmentos de texto para construir representações gráficas sobre a estrutura do conteúdo de um corpus. Os resultados são apresentados na forma de grafos, onde as palavras constituem os vértices e as arestas representam a relação entre elas." (apud Sousa, 2017, p. 1553).

Uma vantagem desse instrumento é permitir a visualização da conexão entre as palavras dentro do *corpus.* A análise somente feita através das NPs não é suficiente, uma vez que apenas demonstram a frequência do termo no texto. Por isso, decidimos combinar os dois recursos para uma melhor análise, além de citarmos alguns discursos do período.

As NPs e as análises de similitudes foram geradas pelo software livre IRaMuTeQ, desenvolvido pelo francês Pierre Ratinaud. O programa gratuito é baseado no software R e na

linguagem Python, e possibilita analisar o *corpus* e estatísticas dos textos. A escolha de um software para elencar dados se deve à facilidade, agilidade, eficiência e rigor. De acordo com Castelfranchi (2017), o software como ferramenta revela padrões e similitudes entre o objeto textual estudado, bem como os pesquisadores são capazes de analisar particularidades de discursos (p. 5). O autor ainda comenta sobre o uso do software e suas vantagens:

> "As vantagens do auxílio de software para a análise de textos são óbvias. [...] Ferramentas de aprendizado de máquina, detecção de padrões, criação de dicionários, já demonstraram ser valiosas tanto para estudos de tipo interpretativo, quanto para descobertas de aspectos latentes de corpora" (CASTELFRANCHI, 2017, p. 6)

Moreira (2020) discorre que as sessões legislativas possuem "momentos institucionais de fala livre":

> "Nos Pequeno e Grande Expedientes e nas Comunicações Parlamentares, os deputados têm liberdade para tratar dos temas e questões que consideram pertinentes sem os constrangimentos das regras do processo decisório. (...) nas Breves Comunicações os parlamentares também se encontram livres dos constrangimentos do processo decisório." (MOREIRA, 2020, p. 611)

Com a finalidade de visualizar os padrões de Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados, decidimos transformar as palavras dos pronunciamentos extraídos das sessões de pequeno expediente, grande expediente, ordem do dia, comunicações parlamentares e breves comunicações em nuvem de palavras e análises de similitudes.

4.4. Resultados e análises

Para Camargo e Justo, o *corpus* é composto por todos os textos que serão analisados pelo pesquisador. O texto, por sua vez, é definido pelo objeto de estudo pesquisador, sendo cada "unidade" desse objeto (apud Salviati, 2017, p. 10). No caso desse trabalho, cada discurso proferido por Jair Bolsonaro é um texto; logo, o *corpus* será composto por vários discursos. Os pronunciamentos foram agrupados anualmente, e isto infere que quatro *corpora*[4] foram construídos referentes ao período estudado (2015, 2016, 2017 e 2018).

Os *corpora* passaram por uma preparação antes de serem transmitidos ao IRaMuTeQ. Além da correção ortográfica, retiramos as pontuações que não são permitidas, além de substituir os hifens das palavras compostas por *underline*. Após inserir o *corpus* no IRaMuTeQ,

[4] Plural da palavra *corpus* em latim

o sistema gera uma descrição composto por data, tempo, números de textos, ocorrências, formas etc. O passo seguinte é selecionar o tipo de análise textual: em nosso caso, primeiramente, a Análise Estatística do software. Neste momento, o programa abre um menu de preferência para análise, como lematização, propriedades chave e dicionário. De acordo com o Salviati (2017), a lematização verifica as diversas ocorrências que um mesmo verbo pode ter. O software utiliza o dicionário padrão da língua do texto para realizar um cruzamento entre o *corpus*. A propriedades chave possibilita determinar quais classes gramaticais serão analisadas, de forma que "[...] é importante para se eliminar palavras que não são chave para indexação do corpus, tais como preposições e artigos e outras que o usuário julgar necessárias." (p. 30). Para isso, se deve selecionar o número zero para aquelas palavras que serão eliminadas da análise, um para as formas ativas e dois para as formas secundárias. Após selecionar todas as informações necessárias, o IRaMuTeQ criará uma nova aba com as estatísticas geradas, composta pelo resumo e listas de formas ativas, formas suplementares, total e hápax. As formas ativas são as principais que aparecerão na NP, enquanto hápax são os termos que apareceram somente uma vez.

Para a nossa análise, definimos um padrão em relação: lematização e dicionário foram habilitados. Nas propriedades chaves, deixamos apenas os adjetivos, substantivo comum, verbos e palavras não reconhecidas. As palavras não reconhecidas (NR) podem ser erros de digitação ou palavras que não constam no dicionário do IRaMuTeQ. No caso de todos os *corpora*, a classe NR foi composta por palavras como, por exemplo, "voto_impresso", "urna_eletrônica" e "Dilma_Rousseff". A união das palavras foi feita para facilitar na compreensão dos padrões. Ademais, verificamos alguns problemas de contabilização de palavras com o mesmo significado, como por exemplo "Dilma" e "Dilma Rousseff". Neste caso, também corrigimos os sinônimos para "Dilma_Rousseff" e aplicamos às outras ocorrências semelhantes. Utilizamos as mesmas configurações para a geração das NPs e das análises de similitudes, e os resultados e as elucidações estão a seguir. O total de discursos segue na tabela abaixo:

Tabela 3 – Discursos de Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados no mandato 2015-2019

Ano	Discursos
2015	64
2016	44
2017	18
2018[5]	4

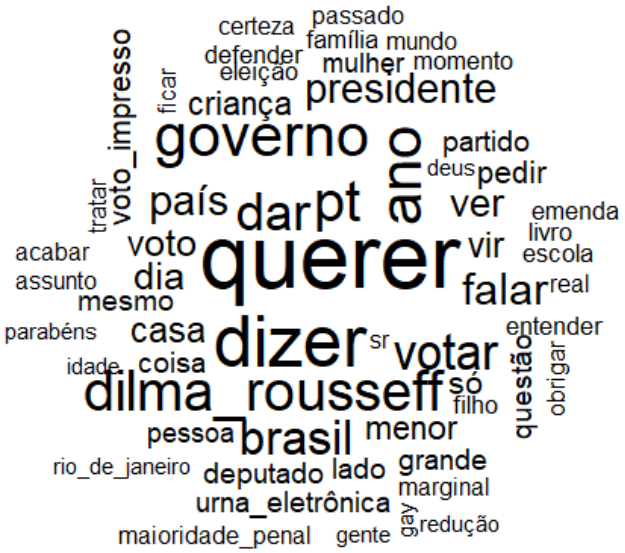
Fonte: Elaborada pela autora com base no Tribunal Regional Eleitoral – Rio de Janeiro (TRE-RJ) e Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

4.4.1. 2015

Para melhor representação e compreensão dos temas dos discursos proferidos por Jair Bolsonaro, selecionamos as palavras com até 17 ocorrências considerando a sua importância. Em 2015, durante o primeiro ano de mandato da legislatura 2015-2019, observamos que as palavras mais frequentes no discurso de Jair Bolsonaro são os verbos "querer", "dizer", "dar", "votar"; os substantivos comuns "ano", "governo", "Brasil"; e as palavras não reconhecidas que foram editadas, como "Dilma Rousseff" e "PT". Em menores frequências, também observamos "urna eletrônica", "voto impresso", "presidente" e "criança".

Figura 1 – Nuvem de palavras dos discursos de 2015

[5] O ano de 2018 foi o ano em que Jair Bolsonaro discursou menos vezes na Câmara dos Deputados devido à campanha presidencial para as eleições que ocorreram no mesmo ano.



Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

Assim como na nuvem de palavras, observamos as palavras com mais ocorrências na Figura abaixo, além das conexões e temáticas entre as palavras com as comunidades que foram separadas por cor. O verbo “querer” (e suas formas associadas) é o termo principal, com ligações entre “governo”, “dizer”, “ano”, “PT”.

No segundo pronunciamento da legislatura 2015-2019, em 25/02/2015, Jair Bolsonaro aborda os protestos marcados para 15/03/2015 contra o governo de Dilma Rousseff; critica o Programa Mais Médicos e afirma que existem, dentre os médicos, agentes infiltrados e militares; a questão com os caminhoneiros e o preço do diesel. Ainda discursa que participará, dos movimentos que ocorrerão no dia 15, como “povo”:

> “Sr. Presidente, prezado amigo Coronel Fraga, eu não sou estrategista, não, mas sinto que o atual momento do Brasil está pior do que o pré-1964. No pré-1964, todos pediam intervenção militar: imprensa, OAB, Igreja Católica, ruralistas, empresários, as mulheres nas ruas em marcha. E nós estamos vivendo um momento semelhante, com essa convocação do povo para o dia 15 de março. [...] Qual é o problema maior que eu vejo no momento, que é mais complexo? No Chile, em 1973, por que Pinochet teve que botar para quebrar? Porque havia mais de 30 mil cubanos lá dentro, Sr. Presidente, mais de 30 mil cubanos, trazidos por Allende para dentro do Chile, como Chávez trouxe mais de 80 mil cubanos para dentro da Venezuela. A Venezuela não existe mais, é um caos aquilo. Hoje, aqui no Brasil, nós temos oficialmente **11 mil cubanos fantasiados de médicos**. Tanto é verdade que eu tentei, com a cúpula da saúde do Brasil, por ocasião da votação da MP dos Mais Médicos, fazer um Revalida light. O PT não topou, porque nós íamos levantar ali militares e agentes infiltrados aqui. [...] Mas os caminhoneiros estão sendo jogados na ribanceira por este Governo. É uma péssima administração! De uma mulher que quebrou uma loja de 1,99 [...]

> Eleição comprada não é democracia. Não fui convidado, **pretendo participar como povo**, no Rio de Janeiro e em São Paulo, desse movimento no dia 15." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015, Sessão 014.1.55.O, p. 38, grifo nosso.)

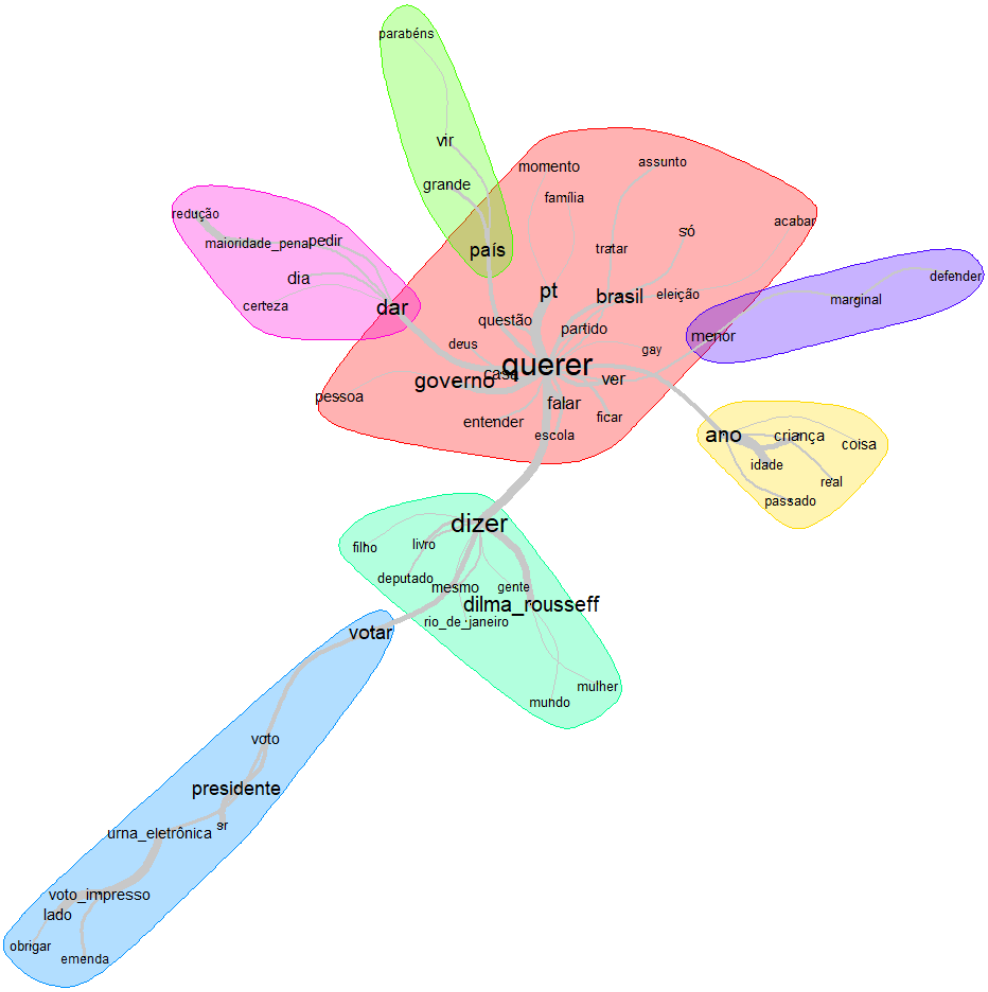
A comunidade azul é composta pela temática "urna eletrônica" e "voto impresso", sendo essa última com ocorrência de 25 vezes nos discursos de Jair Bolsonaro. No contexto de votação da reforma política na Câmara dos Deputados em 26/05/2015, Jair Bolsonaro coloca a confiabilidade das urnas eletrônicas em xeque e apela o seu discurso aos deputados presentes na sessão para votarem a favor da reforma política, do voto impresso e dar uma resposta ao povo brasileiro:

> "[...] A maioria do eleitorado não confia no seu voto. Ele não confia na urna eletrônica. Por quê? Porque não há como fazer a auditagem. No passado, podíamos recontar os papéis e tirávamos as dúvidas. Hoje em dia, não! Hoje em dia**, a população desconfia, e muito, do seu voto**. [...] **Nós não podemos confiar na lisura desse processo eletrônico**. Sua tecnologia é de 1996. A única coisa que mudou na urna eletrônica foi a sua capa, o seu invólucro. [...] O Congresso estará engessado! No meu entender, a cada dia, fica mais engessado com o aparelhamento do Supremo Tribunal Federal. Hoje, sequer uma emenda promulgada aqui nós podemos dizer que vai ser cumprida, porque ela pode ser derrubada lá na frente. O apelo que faço aos colegas: **vamos dar uma satisfação ao eleitor brasileiro**, vamos aprovar o voto impresso ao lado da urna eletrônica. Assim, nós poderemos fazer uma auditagem após as eleições e a recontagem informatizada." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015, Sessão 125.1.55.O, p. 108, grifo nosso.)

Uma outra comunidade que chama atenção é a de cor rosa, que possui como conteúdo "redução" e "maioridade penal". Foram 17 discursos nas sessões legislativas, ao longo de 2015, abordando a questão da redução da maioridade penal - pauta que Jair Bolsonaro é a favor. Um deles, realizado em 01/07/2015, é relatado a seguir:

> "Sr. Presidente, a vagabundagem no Brasil todo - o PCC, a ADA, o Comando Vermelho - está felicíssima com Dilma Rousseff, a **mãe dos menores vagabundos, dos homicidas, dos traficantes e dos estupradores**. Ela entrou em campo contra a redução da maioridade penal, e com o dinheiro público. Dos 8 bilhões e 300 milhões de reais destinados no ano passado a entidades sem fins lucrativos, assim como dos 8 bilhões e 800 milhões de reais, deste ano, grande parte foi para ONGs que defendem o menor marginal." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015, Sessão 178.1.55.O, p. 58, grifo nosso).

Figura 2 – Análise de similitude dos discursos de 2015



Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

4.4.2. 2016

A frequência das palavras nos discursos proferidos por Jair Bolsonaro foi determinada, para o ano de 2016, por 14 vezes. No segundo ano de mandato como deputado federal, os termos mais frequentes no discurso de Bolsonaro são os verbos “querer”, “dizer”, “vir”; os substantivos comuns “Brasil”, “governo”; e as palavras não reconhecidas que foram editadas, como “Dilma Rousseff” e “PT”. Palavras relevantes dos discursos, mas que ocorreram em

menores frequências são exemplificadas por “Forças Armadas”, “militar”, “cubano” e “Michel Temer”.

Figura 3 – Nuvem de palavras dos discursos de 2016

Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

Assim como em 2015, a palavra com maior frequência nos discursos é “querer”, com 82 ocorrências. Os termos em segundo e terceiro lugar são Brasil e PT, com 75 e 65 ocorrências respectivamente. A comparação entre as figuras 2 e 4 revela a mudança de pauta entre os anos. Na comunidade vermelha, por exemplo, há um vértice que conecta “PT”, “país”, “governo” e “Michel Temer”, evidenciando a situação política em 2016: o golpe parlamentar em Dilma Rousseff. Dois discursos proferidos em 10/03/2016 abordam “os problemas do Brasil”, como o viés ideológico, o PT, o desarmamento, e comenta sobre as manifestações que ocorrerão em 13/03/2016 contra Dilma Rousseff, Lula e o PT:

> “[...] A nossa crise econômica não nasceu agora, ela vem de algum tempo. Porque **o Brasil, através do PT, optou pelo viés ideológico** para fazer seus negócios não com o mundo, mas basicamente, na América do Sul, com o MERCOSUL. [...] Outra questão importante: teremos no próximo domingo, dia 13, manifestações pelo Brasil. [...] Costumo dizer que **não foi à toa que esse Governo desarmou o cidadão de bem**. Eles têm um projeto de poder para não mais sair daí. E ouso dizer: **eles não entregarão o poder democraticamente**, que é o que queremos, lógico, sem nos lançar, talvez, numa nova aventura, semelhante àquela que começou em 1966. [...]”. (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016, Sessão 034.2.55.O, p. 124, grifo nosso).

Em outro discurso no mesmo dia, Bolsonaro ataca o PT alegando que o partido quer relativizar a pedofilia e que aparelhou o Poder Judiciário. Ainda, que participará das manifestações como cidadão, tal qual discursou em 2015 sobre os protestos com o mesmo teor:

> "[...] Eu tenho um dos livros escolares aqui. Eu fiz um vídeo de muito sucesso, infelizmente, porque eu gostaria que não tivesse feito sucesso por causa de um livro. Gostaria que a TV Câmara aproximasse a imagem. (Mostra livro.) Sei que o pessoal já sabe disto aqui. No meio do livro, Deputado Osmar Serraglio, há duas figuras: de um lado, um garoto que tem um lugar para enfiar o dedo, e do outro, uma menina que tem um orifício. Com isto aqui **o Governo está estimulando precocemente a criançada para o sexo**. O que uma criança vai aprender na escola com isto? [...] E digo mais, **o PT - eu tenho em meu gabinete documentado -, via Secretaria de Direitos Humanos, quer relativizar a pedofilia**. [...] É o mesmo embate que tive com uma Deputada há um tempo, defendendo aqui um estuprador de 17 anos de idade que estuprou, com sua quadrilha, por 5 dias, uma menina em depois, a degolou. Depois, no debate, perdeu as razões e ainda me chamou de estuprador! Eu dei o troco que tinha que dar. Eu estava defendendo as mulheres de estupro, e eu é que respondo a processo. Logicamente, **companheiros do PT, aparelhando o Judiciário**, mais cedo ou mais tarde vocês terão sucesso numa ação contra mim. Vocês são uma vergonha para este País! Vocês não têm nada a apresentar para o País! [...] Estarei em Brasília neste domingo **participando, como cidadão, junto com o povo nas ruas, de mais uma manifestação**. Se outras mais houver, estarei presente também. [...]". (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016, Sessão 034.2.55.O, p. 133, grifo nosso).

Na comunidade em azul da Figura 4, as palavras mais comuns são "Dilma Rousseff", "Brasil", "governo" e "*impeachment"*. Em discurso proferido no dia 21/03/2016, Bolsonaro aborda sobre a votação do *impeachment* de Dilma Roussef e deixa, de forma implícita, uma ameaça aos parlamentares:

> "Quero dizer mais [...] que, no dia da votação do *impeachment* aqui, no final de abril, vocês todos têm que sitiar o Congresso Nacional e botar lá fora 50 mil pessoas ou mais! **Aquele Parlamentar que, porventura, não votar pela saída dessa impostora e corrupta, Dilma Rousseff, vai ter problemas para sair do Congresso**. Então, estejam todos aqui no final de abril para votar o *impeachment* de Dilma Rousseff!" (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016, Sessão 047.2.55.O, p. 37, grifo nosso).

Em 29/03/2016, menciona nova manifestação pró *impeachment* do povo brasileiro, que de acordo com o Portal G1 (2013), foi planejado pelos movimentos Vem Pra Rua, Fora Dilma, Democracia Capixaba, Ativa Ação, Movimento Brasil e a Maçonaria:

> "Depois, teremos um grande ato pelo impeachment, na Praia de Camburi**. É um ato que não é meu nem seu, mas do povo brasileiro, do povo capixaba,** que não aguenta mais tanta roubalheira patrocinada pelo PT, não aguenta mais tanta incompetência, **não aguenta mais um Governo que quer nos levar para uma ditadura cubana - esta, sim, ditadura**. [...] Esse ato mostra que o povo capixaba não aguenta mais tanta incompetência e tanta roubalheira, patrocinadas por esse partido ironicamente chamado de Partido dos Trabalhadores. Eles trabalham, realmente, mas para assaltar os cofres públicos do nosso País." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016, p. 40, Sessão 057.2.55.O, grifo nosso)

Na sessão legislativa sobre a votação do *impeachment* de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, em 17/04/2016, o discurso de voto de Jair Bolsonaro menciona ser contra ideologia política e a um veículo de imprensa. Ademais, ironicamente diz que o voto a favor do *impeachment* é "pela nossa liberdade", ao mesmo tempo em que reverencia um torturador do período da ditatura militar, o Coronel do Exército Ustra:

> "[...] Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve... **Contra o comunismo**, **pela nossa liberdade**, contra a Folha de S.Paulo, pela memória do Cel. Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff! [...] Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um **Brasil acima de tudo, e por Deus acima de todos**, o meu voto é 'sim'!" (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016, Sessão 091.2.55.O, p. 91, grifo nosso)

Ainda sobre as palavras mais comuns na Figura 4, Bolsonaro discursa mencionando Michel Temer e as Forças Armadas e a questão salarial em diversos momentos. Em um deles no dia 02/08/2016, solicita atenção ao então presidente em exercício, que foi empossado após o golpe parlamentar no mesmo ano:

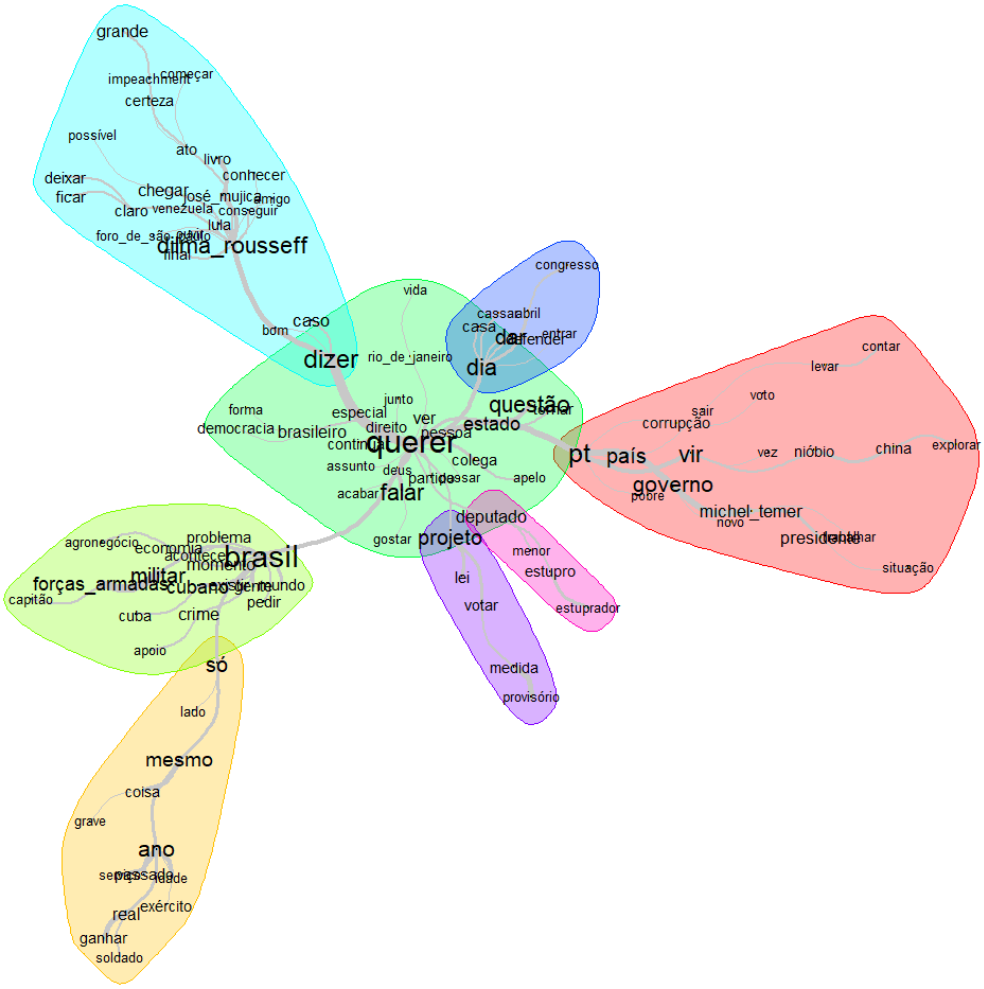
> "[...] Para complementar, como disse ontem, faço mais um apelo a Michel Temer, é inadmissível um soldado do Exército, da Marinha ou da Aeronáutica, que está em missão excepcional no Rio de Janeiro, ou indo para lá, ganhar de diária 25 reais e 8 centavos. Isso é um escárnio. Isso é um escárnio. Ganhar 25 reais e 8 centavos de diária? Isso é inadmissível. Isso é um deboche." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016, Sessão 184.2.55.O, p. 45.)

Finalizando as análises de 2016, cabe relatar sobre a comunidade rosa na Figura 4. As palavras que constituem esse espaço são "deputado", "menor", "estupro" e "estuprador", de forma que as duas últimas ocorrem 16 e 11 vezes, respectivamente. Bolsonaro mencionou em inúmeros discursos o caso de Champinha, que de acordo com reportagem do G1 (2019), em 2003 Champinha e quatro homens assassinaram um casal de namorados, além de torturar e estuprar a mulher. Também em reportagem do G1 (2016), o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu abrir ação contra Jair Bolsonaro por apologia ao crime, quando disse em algumas ocasiões, como na Câmara e em entrevista a jornal, que a Deputada Maria do Rosário "[...] não merece [ser estuprada] porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero." (Ramalho, 2016). Como a decisão do STF ocorreu em 2016, Bolsonaro usou o espaço nas sessões para comentar algumas vezes sobre o caso, como menciona no último discurso do deputado no ano, em 20/12/2016:

> "[...] Ninguém é mais vítima de abuso de autoridade neste País do que eu. [...] No momento, sofro uma ação no Supremo por apologia ao estupro. [...] Lamentavelmente, uma Turma do Supremo acolheu uma denúncia nesse sentido, como se eu fosse o maior estimulador de estupros do Brasil! **Eu é que estou sendo**

> **estuprado**, por abuso de autoridade!". (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2016, Sessão 340.2.55.O, p. 41, grifo nosso)

Figura 4 – Análise de similitude dos discursos de 2016



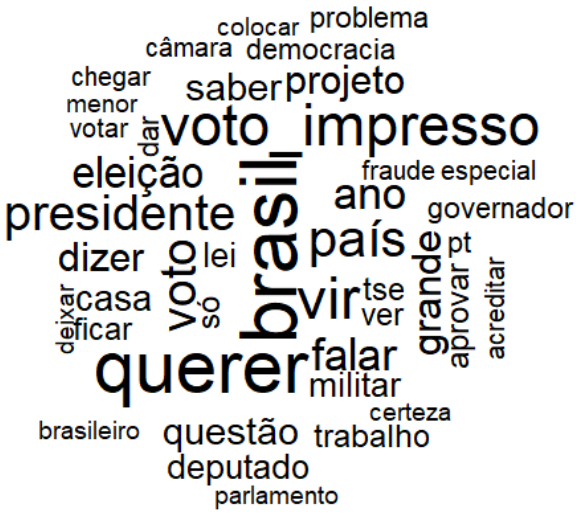
Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

4.4.3. 2017

Em 2017, definimos as palavras que possuíam ocorrências até 7 vezes nos discursos. Em 2017, a palavra mais pronunciada por Jair Bolsonaro em seus discursos nas sessões legislativas foi "Brasil", identificada pelo IRaMuTeQ com a frequência de 30 vezes. As outras

mais frequentes são “querer”, “voto impresso”, “vir” e “país”, com 28, 21, 21 e 19 ocorrências, respectivamente. Observamos que a composição das palavras da NP desse ano possui mais concordância em um único tema do que nos outros anos.

Figura 5 – Nuvem de palavras dos discursos de 2017



Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

Observando as comunidades presentes na figura acima, podemos afirmar que os discursos de 2017 foram voltados, principalmente, à pauta das eleições. A comunidade azul, constituída das palavras “voto impresso”, “ano”, “TSE”, “parlamento”, “voto” e “certeza” possui ligação com a comunidade rosa, formada por “vir”, “Câmara”, “voto”, “eleição”, “democracia”, “fraude”, “PT”, “só” e “dizer”. O contexto do primeiro discurso 2017 ocorre após Rodrigo Maia ser eleito presidente da Câmara dos Deputados com 293 votos, enquanto Jair Bolsonaro recebeu apenas quatro. O conteúdo aborda um tom esperançoso, imbuindo confiança ao Poder Legislativo, além de citar pautas com as quais é a favor, como o agronegócio, o desarmamento e “ao fim da indústria” de demarcação de terras indígenas. Ademais, Bolsonaro demonstra um sentimento de “pertencimento” ao requisitar solução ao povo brasileiro:

> “Companheiros, há pouco, um colega me disse que eu tinha de ter muita coragem para me candidatar. [...] Eu disse a ele que **estou mais imbuído do espírito de patriotismo do que de coragem**, o que falta para muitos de nós. Nós não podemos ter uma eleição

> para Presidente da Câmara em que buscamos uma possível solução para os nossos problemas. **Quem precisa de solução para os seus problemas é o povo brasileiro**. E a Câmara dos Deputados tem uma responsabilidade enorme sobre isso. [...] Todos sabem muito bem que vivemos uma crise nos três Poderes nunca sentida em nosso País. O discurso aqui é no sentido de se resgatar a credibilidade da Câmara. [...] Sabemos que o Executivo sempre interferiu nos trabalhos desta Casa, em especial por ocasião das eleições. Hoje temos uma Câmara que não cria leis, que não fiscaliza e que não representa os anseios do povo. **O Poder Legislativo se apresenta subserviente ao Executivo e submisso ao Judiciário**. [...] E essa pauta sobre desarmamento é importante e cara para todo o **povo brasileiro, que não tem mais segurança**. [...] Espero que haja segundo turno. Sei que minhas chances são remotas. Minha chance só não é menor do que a daqueles que não são candidatos. Mas, patrioticamente, eu me exponho, porque acredito no Brasil e em muitos de vocês aqui dentro! Esse é o apelo final que faço a todos. Meus senhores, concluo dizendo que é preciso que **cada um de nós entre na disputa não pelo prestígio do cargo, mas para atender às necessidades e aos anseios do nosso sofrido povo brasileiro.**" (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2017, Sessão 001.3.55.P, p. 45, grifo nosso).

Em discurso no dia 13/06/2017, Jair Bolsonaro já informa que está em campanha presidencial, e que percebeu um tratamento distinto da classe política. Ademais, define a corrupção como o "câncer" do país que está no sangue da política tradicional, e que deverá ser alterado. De acordo com Bolsonaro, os partidos políticos se preocupam apenas com o dinheiro. Uma outra pauta comum é o voto impresso que simultaneamente coloca a legitimidade do processo eleitoral em xeque:

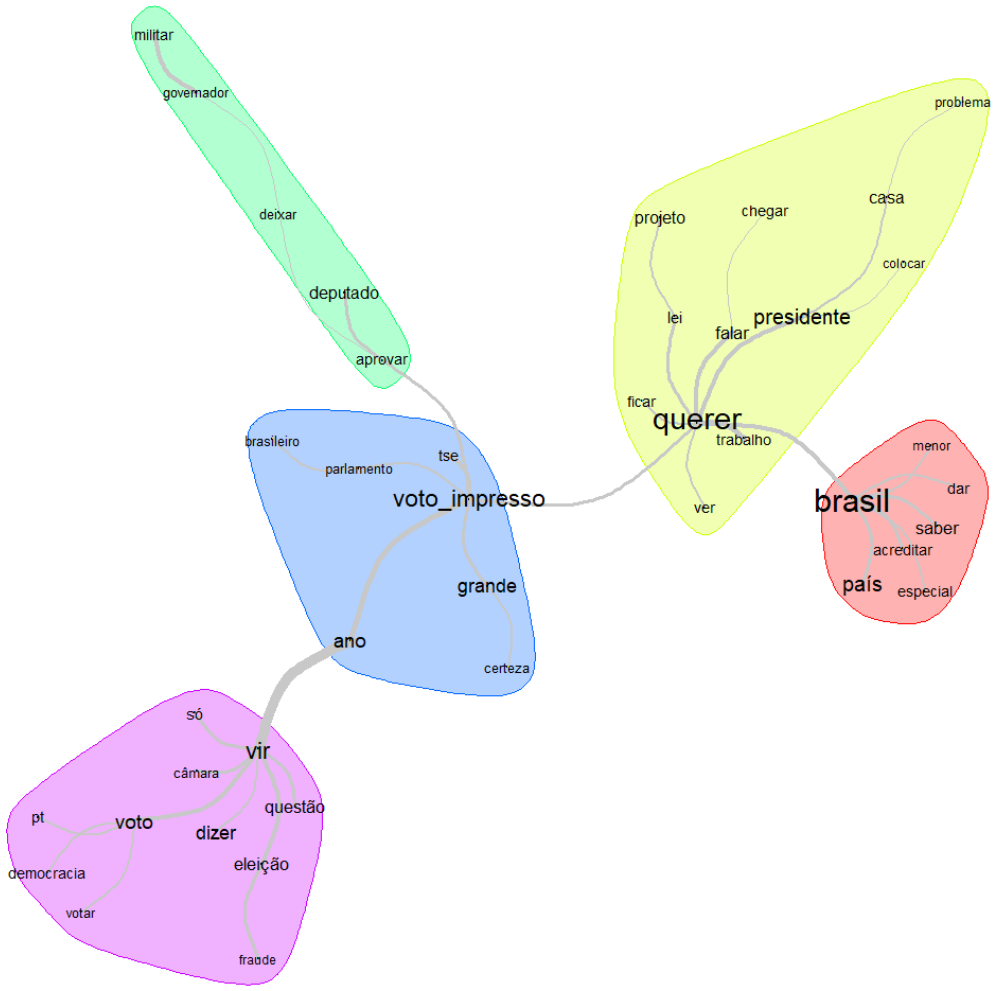
> "Sr. Presidente, logicamente, eu gostaria de falar de outro assunto qualquer, porque acredito muito no potencial deste nosso Brasil. [...] Estive, há pouco, no Paraná e no Rio Grande do Norte também. E vemos esse **nosso povo querendo apenas ser tratado com dignidade** por parte da classe política. [...] E mais grave ainda, com o **voto eletrônico fraudado**! Ou alguém aqui pode me comprovar que não houve fraude nas últimas eleições? O resultado foi fraudado. Por isso, nós aprovamos aqui **o voto impresso ao lado da urna eletrônica**." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2017, Sessão 156.3.55.O, p. 98, grifo nosso).

Os discursos de 27/09, 04/10, 05,10 e 07/11 têm a mesma temática: a necessidade de voto impresso ao lado da urna eletrônica. Jair Bolsonaro menciona sobre a vontade "do povo" ser ouvida, e menciona que o voto impresso não é apenas um clamor da maioria do Parlamento brasileiro, mas também do povo. Em 04/10, o então deputado federal expõe na sessão legislativa que com certeza, mais de 90% da população não acredita na lisura do voto eletrônico, assim como ele:

> "Eu não confio na Justiça Eleitoral. Eu não confio na lisura desse sistema de votação. Eu não tenho como comprovar que houve fraude e também duvido que algum Parlamentar tenha como comprovar que não houve fraude. Já **diziam os marxistas do passado que quem decide a eleição não é quem vota, mas quem conta os votos**. O voto impresso é uma oportunidade para o TSE retirar de si a suspeita de ser um colegiado parcial. [...] O PT descobriu que **o caminho do poder, escudado na sombra da democracia, é o voto em urna eletrônica**. [...] No voto, eu não tenho medo de vocês que falam em democracia. O Brasil é nosso e eu acredito na minha Pátria, mas, **sem voto impresso, não teremos eleito no ano que vem um Presidente**

> **que venha da vontade popular**." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2017, Sessão 288.3.55.O, p. 74, grifo nosso).

Figura 6 – Análise de similitude dos discursos de 2017



Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

4.4.4. 2018

Os discursos proferidos na Câmara dos Deputados em 2018, ano de eleições presidenciais em que Jair Bolsonaro era candidato, totalizaram somente quatro, dentre elas uma sessão legislativa do tipo "homenagem" com o discurso após ser eleito, em 06/11/2018. A NP

e a análise de similitude abordarão, então, somente as palavras nesses poucos contextos. Cabe mencionar que a frequência mínima de palavras para construir uma NP no software é de três ocorrência. Portanto, as figuras 7 e 8 foram geradas com essa definição.

As palavras mais frequentes nos raros discursos de Jair Bolsonaro foram “acontecer”, com sete ocorrências; “Supremo Tribunal Federal”, “querer” e “Brasil” com seis ocorrências e “junto”, “dizer”, “chão” e “cair” com cinco ocorrências.

Figura 7 – Nuvem de palavras dos discursos de 2018

Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

As comunidades geradas em relação aos discursos de 2018 possibilitam a análise total dos quatro. A comunidade vermelha é constituída de termos como “querer”, “acontecer”, “Folha de São Paulo”, “dizer”, “Supremo Tribunal Federal” e “*habeas corpus*”. A A comunidade verde, por sua vez, é formada pelas palavras “Mônica Bergamo”, “escrever”, “cair”, “chão”, “chegar”, “banheiro” e “dever. A azul tem ligação com “cair”, da comunidade azul, e é composta por “acabar”, “presidente”, “deus”, “continuar” e “ano”. Por fim, a comunidade roxa possui as palavras “junto”, “Brasil”, “grande”, “certeza”, “agradecer”, “garotada” e “acreditar”.

O primeiro discurso de Jair Bolsonaro em 2018 foi registrado pela Câmara dos Deputados somente em 13/04/2018. Nele, o deputado afirma respeitar a democracia, no entanto tem preocupação quanto ao julgamento – e seu atendimento – do *habeas corpus* de Lula no STF. Ainda afirma que a ausência do voto impresso possibilita a fraude das eleições, além da convocação do povo brasileiro ao protesto pacífico:

> "Sr. Presidente, longe da teoria da conspiração e respondendo um pouco a quem está à minha esquerda, **eu respeito a democracia**. [...] Eu **apelo para o povo brasileiro** que amanhã, junto ao Supremo Tribunal Federal, em especial o pessoal de Brasília, logicamente, **vá fazer o seu protesto pacífico**, não para pressionar, mas para dizer ao Supremo que nós queremos o cumprimento da lei. Que esse HC seja negado e que ele vá para a cadeia." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018, Sessão 058.4.55.O, p. 84, grifo nosso).

Em seu segundo discurso, Jair Bolsonaro agradece ao Espírito Santo por, de acordo com alguma pesquisa eleitoral citada por ele, estar em primeiro lugar nas intenções de voto. Além disso, faz um agradecimento ao público jovem, uma vez que possui altas intenções de voto nessa faixa etária do estado: "Com toda a certeza, Deputado Manato, há nisso parte do seu trabalho, daquilo que nós estamos fazendo juntos, ou seja, **pensando no futuro do Brasil**. O nosso lema é **Brasil acima de tudo, Deus acima de todos**. Nós cumpriremos essa missão." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018, Sessão 087.4.55.O, p. 87, grifo nosso).

Bolsonaro relata, em seu terceiro discurso em sessão legislativa, um fato que ocorreu com ele e uma suposta eleitora. De acordo com ele, uma apoiadora supostamente embriagada o abordou no aeroporto, começou a insultá-lo e caiu no chão. Para evitar conflitos, Bolsonaro narra que foi ao banheiro masculino com o seu filho Eduardo Bolsonaro. Quando já estava no avião, recebeu uma ligação da jornalista Mônica Bergamo, da Folha de São Paulo, questionando sobre o ocorrido. Um tempo depois, a manchete da notícia, de acordo com Bolsonaro, foi distorcida, uma vez que contou que "Bolsonaro fugiu de uma eleitora". Após relatar este caso em seu discurso, o deputado federal atacou e ameaçou, de forma implícita, o jornal Folha de São Paulo:

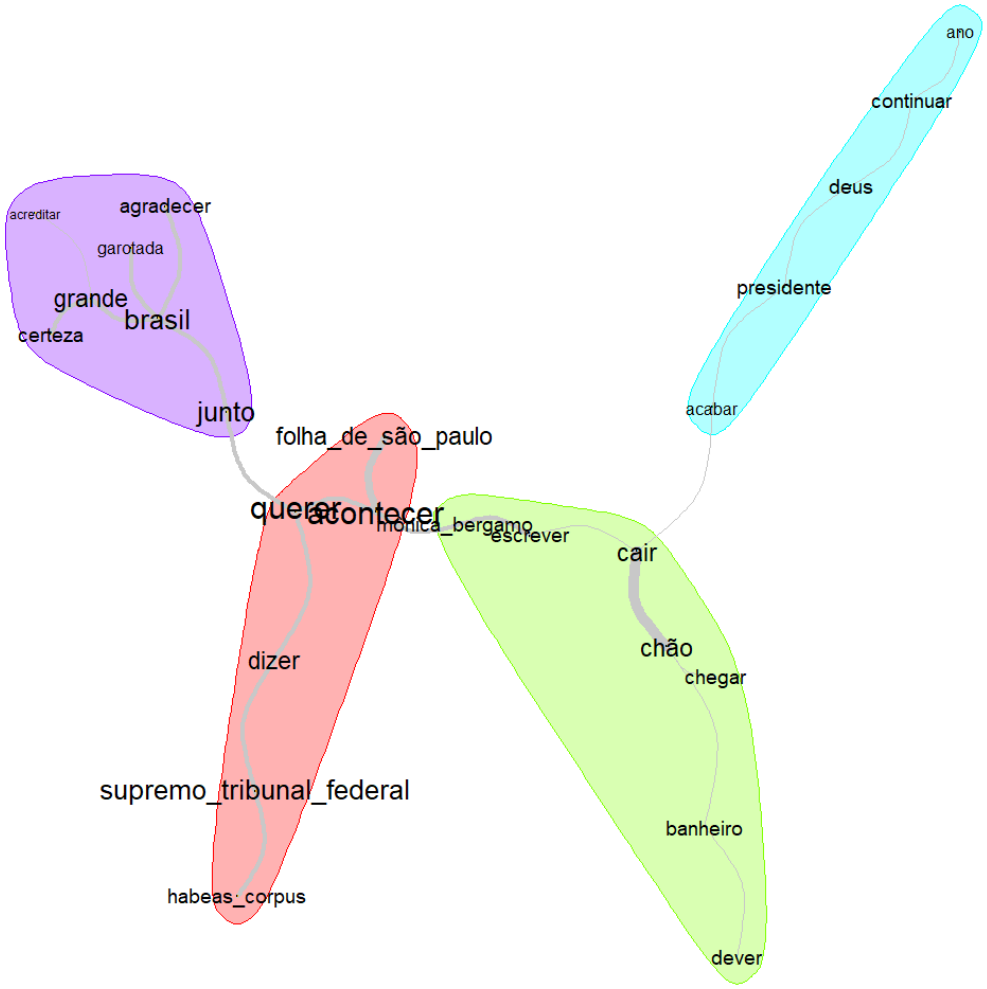
> "Apesar de ter me ouvido, o que a Mônica Bergamo faz? Conta exatamente o contrário do que aconteceu. Olhe, **mídia tradicional, acabou essa historinha de escrever o que acha que é verdade e ponto final**! [...] Eu lamento que a Folha de S.Paulo, mais uma vez, preste um desserviço à informação sadia. Estão colocando agora o vídeo no Facebook. Vai ser divulgado nas mídias sociais o que aconteceu de verdade**. Folha de S.Paulo, a sua hora vai chegar.** É bom já ir se acostumando." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018, Sessão 170.4.55.O, p. 82, grifo nosso).

Por fim, o último discurso de Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados ocorreu em 06/11/2018, já como presidente eleito. O então presidente agradece a deus por tê-lo salvado

devido ao episódio da faca. O discurso de Bolsonaro é moderado e curto, ratificando a confiança em deus e no povo brasileiro:

> "Pedimos a Deus que nos ilumine. Agradeço por Ele ter salvado a minha vida há pouco tempo. Quero dizer a todos: na topografia existem três nortes, o da quadrícula, o verdadeiro e o magnético, **mas na democracia há só um norte: é o da nossa Constituição**. [...] Temos tudo, tudo, para sermos uma grande Nação. A nossa união, que no momento estamos aqui ocupando cargos-chave na República, pode, sim, mudar o destino desta grande Nação. **Acredito em Deus, acredito no povo brasileiro, acredito em nosso potencial.** Meu muito obrigado a todos. Peço a Deus que nos ilumine a todos para continuarmos traçando os destinos que o nosso povo merece: a felicidade, **o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos**." (DIÁRIO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018, Sessão 15.2018.N, p. 23, grifo nosso).

Figura 8 – Análise de similitude dos discursos de 2018



Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

4.4.5. 2015-2018

Para fins de observação, optamos por agrupar todos os discursos proferidos por Jair Bolsonaro entre 2015 e 2018 e elaborar uma NP e uma análise de similitude. Esse *corpus* foi composto por 130 discursos, e devido ao tamanho e a importância das palavras, selecionamos os termos com ocorrências de até 26 vezes. O software identificou que a palavra mais constante do discurso de Jair Bolsonaro é o verbo "querer", com 215 ocorrências; seguida de "Brasil", aparecendo 158 vezes; "dizer", 146 vezes; "ano", 131 vezes; "PT", 107 vezes e "Dilma Rousseff" com 106 ocorrências.

Figura 9 – Nuvem de palavras dos discursos de 2015 a 2018

Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

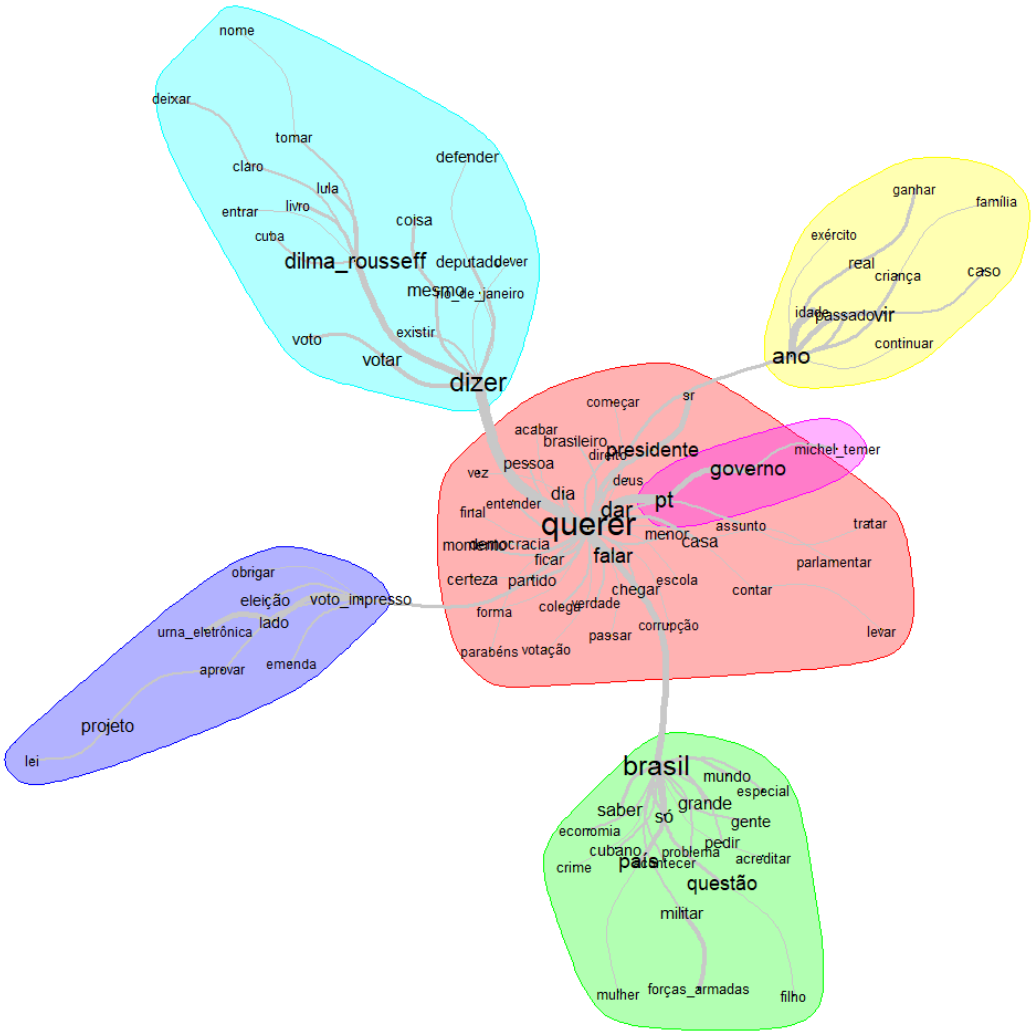
A figura 10 abarca os principais temas dos discursos proferidos por Jair Bolsonaro. Não cabe mencionar os discursos de acordo com cada comunidade dessa análise, como fizemos anteriormente. No entanto, observamos a relação das palavras escolhidas pelo então deputado federal as suas ligações. A comunidade central de cor vermelha é composta por palavras como "querer", "PT", "democracia", "brasileiro", "partido", "corrupção". Em vários momentos nas sessões legislativas, Jair Bolsonaro relacionou o PT diretamente à corrupção, como se fosse

uma característica inerente ao partido. Além disso, o termo “brasileiro” possui um caráter patriota quando analisamos o contexto em que aparece: “povo brasileiro” e “eleitor “brasileiro”, em tom de clamor; e “dinheiro brasileiro”, em relação aos recursos que são pagos à Cuba pelos serviços dos médicos cubanos no Programa Mais Médicos.

A comunidade rosa é pequena, com apenas três palavras: “PT”, “governo” e “Michel Temer”, sendo que o vínculo entre PT e Temer ocorre através da palavra “governo”. Bolsonaro discursou algumas vezes sobre a falta de “consideração” de presidentes e partidos, como o PT, PSDB, Lula, Dilma, assim como Michel Temer, têm com as Forças Armadas sobre a Reforma da Previdência e a questão salarial. A comunidade verde é composta por várias palavras e o ponto central é “Brasil”. Essa comunidade possui termos que, de certa forma, têm relação com o ponto central, tais como “mundo”, “cubano”, “economia”, “país”, “problema”, “questão”, “militar” e “Forças Armadas”. O termo “economia” foi frequente nos anos de 2015 e 2016 devido à crise econômica, sendo justamente nesses anos que Bolsonaro mais discursou nas sessões legislativas. O “cubano” nessa comunidade faz referência, em sua maior parte, às acusações sem provas de Bolsonaro em relação ao Programa Mais Médicos. As palavras “país”, “militar” e “Forças Armadas” possuem um vínculo entre si, além do ponto central ser “Brasil”. Em muitos discursos, Jair Bolsonaro menciona que militares das Forças Armadas necessitam de um “tratamento compatível” em relação à questão da Reforma da Previdência citada anteriormente.

A comunidade amarela aparentemente possui um conteúdo mais disperso, com as palavras “ano”, “vir”, “criança”, “ganhar”, “família” entre outras. “Família” e “criança” aparecem em discursos de Bolsonaro com teor conservador, baseado nos bons costumes e contra a ideologia de gênero. Na comunidade azul, por exemplo, as palavras “Dilma Roussef”, “Cuba”, “Lula” e “voto” possuem vínculos. Em vários discursos, Bolsonaro falou sobre Dilma Rousseff financiar a “ditadura de Cuba” com dinheiro público, a partir do financiamento do programa Mais Médicos, que supostamente era integrado por militares e agentes secretos. Na comunidade roxa, as palavras comuns são “voto impresso”, “eleição”, “obrigar”, “lado”, “urna eletrônica”, “emenda” etc. Estes termos revelam a narrativa de Bolsonaro que foi constante em praticamente todos os anos do seu mandato nas sessões legislativas das Câmaras dos Deputados: o questionamento à legitimidade do processo eleitoral.

Figura 10 – Análise de similitude dos discursos de 2015 a 2018



Fonte: elaborada pela autora no software IRaMuTeQ (2023)

Mencionamos a autora Margareth Canovan no primeiro capítulo e a sua interpretação de populismo como ideologia política. Sobre as diversas definições de populismo, a autora recorre a Peter Wiles, que afirma que o populismo pode surgir em resposta às elites políticas, declínio de valores tradicionais e entre outros (apud Cassimiro, 2021, p. 6). No contexto político brasileiro, Weffort (1986) também discorreu sobre o surgimento do populismo como dominação em condição de vazio político. Em resposta às elites políticas, a emergência da extrema-direita a partir de 2007, bem como a crise política e econômica nos anos de 2013-2016, apontam para a consolidação de um líder populista: Jair Messias Bolsonaro, que surge como uma oposição aos partidos políticos tradicionais – PT e PSDB.

Além disso, como mencionado anteriormente no capítulo 3, o "choque progressista" descrito por Rocha e Medeiros (2022) significou um declínio de valores tradicionais para a ala conservadora brasileira. Mudde e Kaltwasser apontam para o fato de o populismo considerar a sociedade como um campo antagonista entre o "povo puro" e as "elites corruptas". Observamos este viés em Bolsonaro e podemos exemplificar no discurso proferido na Câmara dos Deputados em que associa a corrupção como câncer da política tradicional, além de afirmar que o interesse dos partidos políticos é o dinheiro.

Benjamin Moffitt, por sua vez, considera o populismo como um estilo político e aborda três características que são identificadas em líderes populistas: posicionar, em campos opostos, o povo e a elite; ações "politicamente incorretas" que visam se distanciar da formalidade das elites políticas; e sobre como as elites não saberiam lidar com dificuldades econômicas e sociais. Nessa definição de populismo, também é possível relacionar a alguns discursos de Jair Bolsonaro. No contexto antes do *impeachment* de Dilma Rousseff, Bolsonaro afirma que, em caso de aprovação, "[...] eles (o PT) não entregarão o poder democraticamente [...]". Para Laclau e o populismo como ontologia do político, a questão essencial no populismo é a relação entre o povo e líder. Bolsonaro relatou em algumas sessões legislativas sobre a participação como "povo" em manifestações pró *impeachment*, ao mesmo tempo em que sua posição era considerada a de líder nesses locais. Desde o início da campanha presidencial, Jair Bolsonaro buscou manter essa relação direta com o povo e o seu eleitorado.

Assim como os achados de Fuks e Tamakia (2020), também verificamos tendências nacionalistas e patrióticas nos discursos. De acordo com os autores,

> "Tanto os discursos patrióticos quanto os populistas podem apresentar uma visão maniqueísta do mundo e da política, e uma anti-elite retórica. A principal diferença é que o patriotismo, ao contrário do populismo, enfatiza o Estado". (FUKS e TAMAKIA, 2020, p. 117-188. Tradução nossa).

Nos discursos entre os anos 2015-2018, a segunda palavra mais proferida por Jair Bolsonaro foi "Brasil", com uma frequência de 158 vezes.

Além do populismo, nacionalismo e patriotismo, traços autoritários nas falas de Bolsonaro foram constantes. É possível identificar, nos discursos proferidos por Jair Bolsonaro citados no capítulo 4, a relação entre os quatro indicadores definidos por Levitsky e Ziblatt (2018) que abordamos no capítulo 2. Citaremos algumas:

1. Rejeição das regras democráticas, ao deslegitimar a confiabilidade das urnas eletrônicas;

2. Negação da legitimidade dos oponentes políticos, ao alegar, sem provas, a conexão entre Dilma Rousseff e PCC e, também sem provas, a participação de “militares e agentes cubanos” no Programa Mais Médicos, com a anuência de Dilma Rousseff;
3. Tolerância ou encorajamento à violência, ao ameaçar parlamentares que não votassem a favor do impeachment de Dilma Roussef;
4. Propensão a restringir liberdades civis de oponentes, ao exaltar, por diversas vezes, o ditador Coronel Ustra.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do Estado brasileiro possui raízes históricas e institucionais no autoritarismo e conservadorismo. Desde a monarquia até os dias atuais, observamos mecanismos que promovem práticas autoritárias na sociedade brasileira, bem como a manutenção desse *status quo*. Ademais, o populismo emerge na crise de representação política, no momento em que cidadãos não têm confiança na elite e nos partidos políticos, principalmente naqueles considerados tradicionais. Neste momento, surgem os *outsiders*, que podem ser populistas ou não. De toda forma, o populismo pode ser considerado como uma consequência da crise de representação.

Existem temas que não foram abordados neste trabalho e que podem desencadear futuras pesquisas. Fizemos um recorte no período dos discursos do último mandato de Jair Bolsonaro como deputado federal. Um novo estudo pode ser capaz de analisar todos os discursos proferidos por Bolsonaro enquanto deputado, a fim de compreender as pautas mais constantes durante os sete mandatos. Seria relevante explorar os temas e o contexto político em que os discursos foram proferidos, como foi feito neste trabalho. Além disso, outra possível análise poderia levar em consideração a maneira como Jair Bolsonaro se refere às mulheres que são políticas. Foi observado um tratamento diferente quando Bolsonaro se refere à Dilma Rousseff e Maria do Rosário, e quando menciona políticos homens. No entanto, esta observação carece de mais estudos.

O objetivo dessa monografia foi compreender o viés populista nos discursos proferidos nas sessões legislativas por Jair Bolsonaro em seu último mandato como deputado federal, antes de se tornar presidente do Brasil em 2018. Ao decorrer das análises constatamos, para além do populismo em suas falas, frases com vieses nacionalistas e principalmente autoritários. Além disso, foi possível observar como o comportamento de Bolsonaro esteve presente em alguma medida nos conceitos de populismo abordados. Jair Bolsonaro foi um resultado da crise de representação política que ocorreu no Brasil, surgindo como um político *outsider* populista com traços autoritários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUERRE, M. L. El populismo latinoamericano. Revista de la Facultad de Derecho, n. 42, p. 01-27, 1 jun. 2017.

BORGES, J.; GUERRA, L. F.; CARVALHO, M.; ARPINI, N. **Vitória tem atos contra e a favor do impeachment**. Portal G1, Espírito Santo, 31/03/2016. Disponível em: https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2016/03/vitoria-tem-atos-contra-e-favor-do-impeachment.html. Acesso em: 11 jun. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Regimento Interno, estabelecido pela Resolução n. 17, de 1989. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/regimento-interno-da-camara-dos-deputados. Acesso em 27 mai. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Biografia Jair Bolsonaro**. Disponível em: https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia. Acesso em: 14 mai. 2023.

CÂMARA, H. F. Populistas e autoritários? Debates sobre usos do conceito. Revista Direito e Práxis, v. 12, n. 2, p. 861–884, abr. 2021.

CANOVAN, Margaret. Populism. Nova York: Harcourt Brace Janovitz, 1981.

CANOVAN, Margaret. Trust the people! Populism and the two faces of democracy. Political Studies, Oxford, v. XLVII, n. 1, p. 2-16, 1999.

CANOVAN, Margaret. Taking politics to the people: populism as the ideology of democracy. In: MÉNY, Yves; SUREL, Yves (ed.). Democracies and the populist challenge. New York: Pallgrave, 2002. p. 25-44.

CASSIMIRO, Paulo H. P. Os usos do conceito de populismo no debate contemporâneo e suas implicações sobre a interpretação da democracia. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 35, p. 1-52, 2021.

CASTELFRANCHI, Y. (2017). ‘A análise de textos auxiliada pelo computador: um laboratório a céu aberto para as ciências sociais’. JCOM 16 (02), C04_pt.

CHAGURI, M. M., AMARAL, O.E. “As bases sociais do bolsonarismo: Uma análise do autoritarismo como política.” Forthcoming: Latin American Perspectives, 2021.

CRUZ, Jéssica Dametta. Ideologia, história e relações discursivas: uma análise do discurso de posse presidencial de Jair Bolsonaro. 2020. 88 f. Dissertação (Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

FERREIRA, Jorge (org.). O populismo e sua história. Debate e Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FILHO, J. M. V; PROCÓPIO, M. R. O ethos de Jair Bolsonaro: uma análise discursiva dos discursos da posse presidencial. Revista Temática, v. 16, n. 08, p. 157–171, 13 ago. 2020.

IANNI, O. A formação do Estado Populista na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

JORNAL DO BRASIL. 22 de novembro de 1988. Ano XCVIII - Nº 228. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1988_00228.pdf. Acesso em 14 mai. 2023.

KALTWASSER, Cristóbal Rovira. The ambivalence of populism: threat and corrective for democracy. Democratization, Essex, v. 19, n. 2, p. 1-25, 2012.

LACLAU, Ernesto. On populist reason. London: Verso, 2005.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MOFFITT, Benjamin. The global rise of populism: performance, political style and representation. Stanford: Stanford University Press, 2016.

MOREIRA, D. Karaokê da Câmara dos Deputados: o uso do microfone na atividade parlamentar. Opinião Pública, v. 25, p. 597–629, 17 jan. 2020.

MOREIRA, P., GONÇALVES, G. **Champinha lidera rebelião com refém na Unidade Experimental de Saúde na Zona Norte de SP**. Portal G1, São Paulo, 04/09/2019. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/04/champinha-lidera-rebeliao-com-refem-na-unidade-experimental-de-saude-na-zona-norte-de-sp.ghtml. Acesso em: 08 jun. 2023.

MUDDE, C.; KALTWASSER, C. R. Populism: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2017.

PETRÓ, G. **Bolsonaro vira réu por falar que Maria do Rosário não merece ser estuprada**. Portal G1, Brasília, 21/06/2016. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html. Acesso em: 14 jun. 2023.

PINTO, C. R. J. Ernesto Laclau: Da democracia radical ao populismo. E-Legis − Revista Eletrônica Do Programa De Pós-Graduação Da Câmara Dos Deputados, 10(24), 22–38. 2017.

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Câmara Legislativa: Departamento De Taquigrafia, Revisão E Redação. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/consultoria-geral/estrutura-1/detaq/departamento-taquigrafia. Acesso em: 29 mai. 2023,

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Câmara Legislativa: DISCURSOS E DEBATES. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/discursos-e-notas-taquigraficas/pesquisa/como-pesquisar. Acesso em 05 mai. 2023.

RAMALHO, R. **Relembre a reunião de Bolsonaro com embaixadores que o tornou inelegível**. Portal G1, 30/06/2023. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/06/30/relembre-a-reuniao-de-bolsonaro-com-embaixadores-que-o-tornou-inelegivel.ghtml. Acesso em: 01 jul. 2023

RIBEIRO, J. **Set/2018: "Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre.** Exame, 03/09/2019. Disponível em: https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/. Acesso em 10 jun. 2023.

RICCI, P.; IZUMI, M.; MOREIRA, D. O POPULISMO NO BRASIL (1985-2019) Um velho conceito a partir de uma nova abordagem. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 36, n. 107, 2021.

ROCHA, C.; MEDEIROS, J. 2022: o pacto de 1988 sob a Espada de Dâmocles. Estudos Avançados, v. 36, p. 65–84, 13 maio 2022

SALVIATI, M. E. Manual do Aplicativo IRaMuTeQ (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3). Compilação, organização e notas de Maria Elisabeth Salviati. 2017. Disponível em: http://www.IRaMuTeQ.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-IRaMuTeQ-par-maria-elisabeth-salviati . Acesso em: 18 mai. 2023.

SCHWARCZ, L. M. (2019). Sobre o autoritarismo brasileiro São Paulo, SP: Companhia das Letras

SILVA, J. DA; LIMA, J. E. F. DE. ANÁLISE DO DISCURSO DE POSSE DO PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO. Humanidades & Inovação, v. 8, n. 38, p. 349–362, 16 jul. 2021.

SOUSA, Y. S. O. O Uso do Software Iramuteq: Fundamentos de Lexicometria para Pesquisas Qualitativas. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 21, n. 4, p. 1541–1560, 15 dez. 2021.

SOUZA, J. A. DE; LEITE, M. Discurso político, ethos e legitimidade: uma análise de discursos de posse do governo Bolsonaro. Revista de Ciências Humanas, v. 54, p. 1–21, 12 ago. 2021.

STOPPINO, MARIO, 1983: verbete "Autoritarismo", in Norberto BOBBIO, Nicola MATTEUCCI & Gianfranco PASQUINO: Dicionário de Política, UnB, Brasília. (P. 94-104)

TAMAKI, E. R. et al. POPULISM IN BRAZIL'S 2018 GENERAL ELECTIONS: AN ANALYSIS OF BOLSONARO'S CAMPAIGN SPEECHES. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 109, p. 103–127, 1 abr. 2020.

TATAGIBA, L.; TRINDADE, T.; TEIXEIRA, A. C. 2015. "Protestos à Direita no Brasil". In: Cruz, Sebastião; Kaysel, André; Codas, Gustavo (Orgs.). Direita Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Perseu Abramo, pp. 197-213.

TELLES, H. S. Corrupção, Legitimidade Democrática e Protestos: o Boom da Direita na Política Nacional? Revista Interesse Nacional, vol. 8, pág. 28-46, 2015.

TRE. Dados históricos das eleições do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.tre-rj.jus.br/institucional/memoria/dados-das-eleicoes. Acesso em 22 mai. 2023.

TSE. Estatísticas de Eleição. https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/pain%C3%A9is-de-resultados?session=15287653618605. Acesso em 22 mai. 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Corregedor encerra leitura do relatório da ação de investigação contra Bolsonaro**. TSE, 22/06/2023. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/corregedor-encerra-relatorio-da-acao-de-investigacao-contra-bolsonaro. Acesso em: 01 jul. 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Por maioria de votos, TSE declara Bolsonaro inelegível por 8 anos**. TSE, 30/06/2023. Disponível em: https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Junho/por-maioria-de-votos-tse-declara-bolsonaro-inelegivel-por-8-anos. Acesso em: 01 jul. 2023.

TUPINA, M., ROSA, P. F. Do Exército à inelegibilidade: veja trajetória pessoal e política de Jair Bolsonaro. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder2022/10/veja-trajetoria-pessoal-e-politica-de-jair- bolsonaro.shtml . Acesso em: 10 mai. 2023.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo; ARAUJO-JORGE, Tania. Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 8., 2019, Lisboa. Anais... Lisboa: CIAIQ2019, 2019, v. 2, p. 41-48.

WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª edição, 1986.